

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 05/06/2019.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Três palavras sobre o sustento dos escravos
Brasil, colônia de Portugal, 1633-1808

Ana Carolina de Carvalho Viotti

Franca
2017

Ana Carolina de Carvalho Viotti

Três palavras sobre o sustento dos escravos

Brasil, colônia de Portugal, 1633-1808

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutora em História. Área de Concentração: História e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França

Franca
2017

Viotti, Ana Carolina de Carvalho.

Três palavras sobre o sustento dos escravos: Brasil, colônia de Portugal, 1633-1808 / Ana Carolina de Carvalho Viotti. – Franca : [s.n.], 2017.

308 f.

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Jean Marcel Carvalho França

1. Brasil - História - Período colonial, 1500-1822.
2. Escravidão - Condição dos escravos. 3. Brasil - Usos e costumes. I. Título.

CDD –981.03

As imagens que ilustram as seções “introdução”, “capítulo 1”, “capítulo 2”, “capítulo 3”, “considerações finais”, referências bibliográficas” e “apêndice” foram extraídas da obra setecentista de Carlos Julião [JULIÃO, Carlos. *Riscos Iluminados de Figurinhos de Negros e Brancos dos Uzos do Rio de Janeiro e Serro Frio*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960] e editadas por Gabriela C. C. Viotti.

Ana Carolina de Carvalho Viotti

Três palavras sobre o sustento dos escravos
Brasil, colônia de Portugal, 1633-1808

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutora em História.

Área de Concentração: História e Cultura

Linha de Pesquisa: História e Cultura Social

Banca examinadora

Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França (presidente)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/campus Franca)

Prof.^a Dr.^a Adriana Pereira Campos
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Prof. Dr. Antônio Carlos Jucá de Sampaio
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Leila Mezan Algranti
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof.^a Dr.^a Ricardo Alexandre Ferreira
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/campus Franca)

Franca, 05 de junho de 2017.

*Para o Jean e a Susani,
mestres e amigos.*

Agradecimentos

Ao pôr um ponto final nesse trabalho que me acompanha há mais de quatro anos, gostaria de registrar meus agradecimentos às instituições e pessoas que contribuíram, auxiliaram e, de modos tão diversos, possibilitaram a escrita das páginas que aqui apresento.

Sou profundamente grata à Universidade Estadual Paulista - UNESP, por ter me acolhido em 2005 ainda como graduanda e ter proporcionado, desde então, todas as condições para meu desenvolvimento acadêmico e profissional. Acredito nesse modelo de universidade e tenho um imenso orgulho em fazer parte dele.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França, por me acompanhar – e questionar – há tantos anos, a quem eu deverei sempre mais do que poderia aqui enumerar. Sua dedicação ímpar ao conhecimento e firmeza de posições me ensinam e inspiram cotidianamente.

Ao Prof. Dr. Francisco Bethencourt, que com disponibilidade e empenho recebeu-me no King's College London para a realização de estágio de pesquisa. Estendo meus agradecimentos à CAPES, pelo financiamento que permitiu minha permanência em Londres por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

À Casa de Velázquez, EHEHI, pela concessão de bolsa de pesquisa, em especial ao meu supervisor Prof. Dr. Nicolas Morales, pela acolhida e disponibilização de todos os recursos para o desenvolvimento de meu trabalho. Também agradeço à Sra. Flora Laurant que viabilizou, sempre solícita, toda a burocracia para minha estada.

Aos professores doutores Antônio Carlos Jucá de Sampaio e Ricardo Alexandre Ferreira, pela atenta leitura e valiosas contribuições no exame geral de qualificação. Ao Prof. Ricardo, agradeço também pela amizade e confiança em meu trabalho na condução do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (CEDAPH).

Aos colegas do grupo de pesquisa *Escritos sobre os Novos Mundos*, por todas as discussões e ponderações sempre profícuas e pertinentes. Aos que, além de colegas de profissão, tornaram-se amigos para todos os momentos na escritura desse trabalho – e além –, dividindo alegrias, angústias e muitos cafés nesses anos todos: Nayara Barbosa, José Inácio Neto, Waslan Araújo, Rodolfo Cruz, Janaína Cardoso, José Henrique Lopes de Lima, Gabriel Gurian e Simone Almeida. Em especial, agradeço à Clara Braz dos Santos e ao Thiago Alvarado, pela amizade e o indispensável auxílio na revisão e formatação do texto final, ao Rafael de Oliveira Falasco, por estar presente mesmo à

distância, e à Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França, por ser exemplo e por partilhar com tanta generosidade seus conhecimentos, seu cotidiano e sua casa.

Não poderia deixar de agradecer a todos os alunos que passaram pelo CEDAPH: cada um a seu modo, vocês contribuíram para a feitura dessa tese, com questões, inquietações e provocações, além dos constantes e precisos gestos de carinho, apoio e palavras de incentivo.

Aos colegas da UNESP, Jacira Benedita de Sousa, Neide Nakaoka, Viviane Baldochi, Maísa Helena Araújo, Sebastião Granzoti, Maria Sicaroni e às Profas. Dras. Karina Anhezini e Denise Moura, pela disposição em ajudar nas mais diferentes etapas de minha trajetória. Aos funcionários do Centro de Documentação ID e do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa, e da Maugham Library (King's College London), por todo o auxílio prestado.

Aos meus pais, Ana Maria Viotti e Wilson Roberto Viotti, e minha irmã Gabriela Viotti, pelo apoio irrestrito e incondicional com que sempre pude contar, e, sobretudo, por acreditarem em meu trabalho e aceitarem as minhas opções. Obrigada, pai e mãe, por fazerem de nossa formação intelectual uma prioridade, pois sem vocês e esse comprometimento nada disso seria possível. A você, Gabi, obrigada também por toda a ajuda técnica na edição das imagens aqui apresentadas. Estendo meus agradecimentos aos “Gonçalves” – Antônio Carlos, Eva Cristina, Carlos Eduardo, Cristiane, João Gabriel e André –, que com afeto me acolheram como parte da família há mais de uma década.

Por fim e de modo especial, agradeço ao meu marido, Rafael Afonso Gonçalves, companheiro de uma vida, exemplo cotidiano de dedicação intelectual, primeiro leitor, corretor e corresponsável pelos eventuais méritos que esta tese possa ter. Obrigada por estar aqui em todos os momentos e por ter acreditado nos rumos deste trabalho quando eu mesma duvidava. Também ao meu querido enteado, Henrique A. Gonçalves, a quem devo, há onze anos, lições sobre tantas coisas, cuja curiosidade e doçura me fazem querer ir além e ser melhor.

Mas, senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem? ...São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

“A escrava Isaura”, Bernardo Guimarães

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *Três palavras sobre o sustento dos escravos*. Brasil, colônia de Portugal, 1633-1808. 2017. 309f. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2017.

Resumo

As descrições de aspectos diversos da vida dos escravos foram constantes nas narrativas sobre o Brasil ao longo do período denominado colonial. Em textos de caráter religioso, relatos de viajantes que por aqui passaram, crônicas e histórias acerca do Brasil, manuais de agricultura, compêndios médicos e cirúrgicos e em documentos administrativos, as menções ao tratamento, a atenção e a manutenção dos escravos se fizeram presentes, dando pistas sobre o que era necessário, desejável ou reprovável para aqueles que tinham a tarefa de mantê-los vivos e produtivos. Considerando essa variada documentação, notadamente os escritos produzidos entre meados do século XVII, quando as notícias sobre o escravo passam a transpor a mera constatação de sua presença nos trópicos, até a transladação da Corte em 1808 e as consequentes modificações empreendidas no cotidiano da colônia, o presente estudo objetiva interrogar as prescrições e descrições delineadas sobre o sustento dos cativos. A partir de três aspectos recorrentemente elencados como imprescindíveis para o adequado trato da escravaria, a vestimenta, a incidência de castigos físicos e a alimentação – ou, como ficaram conhecidos na máxima do jesuíta André João Antonil, os “três PPP”, pano, pau e pão –, o alvo do estudo são as prescrições, narrações e seus fundamentos, em benefício do erário, da boa moral e dos preceitos cristãos.

Palavras-chave: Brasil colonial. Escravidão. Alimentação. Castigos Físicos. Vestimentas.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *Three words on slaves' maintenance*. Brazil, colony of Portugal, 1633-1808. 2017. 309 f. Thesis (PhD in History). – Faculty of Human and Social Science, São Paulo State University, Franca, 2017.

Abstract

The descriptions of various aspects of slaves' lives were constantly reported in the narratives about Brazil during the so-called colonial period. In religious texts, travel accounts, chronicles and reports about Brazil, agricultural manuals, medical and surgical compendia and in administrative documents, mentions on treatment, care and maintenance of the slaves were presented, giving tips for those who had the task of keeping them alive and productive about what should be necessary, desirable, or reproachable. Considering such documents, notably those written between the middle of the seventeenth century – when the texts started to indicate more than merely the slaves' presence in the tropics – and the arrival of the Portuguese Court in 1808 – and the subsequent modifications in the colony's daily life –, this study intends to interrogate the prescriptions and descriptions on slaves' maintenance. Given the three aspects that were recurrently listed as essential for an appropriate care of the slaves – dressing, feeding and corporal punishment – or, as the Jesuit André João Antonil synthesized, the «three PPP», in Portuguese, «pau, pão e pano» – this study aims to scrutinize the prescriptions, narrations and its principles, in the benefit of public and private funds, the moral and the Christian values.

Keywords: Colonial Brazil. Slavery. Feeding. Corporal Punishments. Dressing.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *Trois mots sur l'entretien des esclaves*. Brésil, colonie de Portugal, 1633-1808. 2017. 309 f. Thèse. (Doctorat en histoire) – Faculty of Human and Social Science, São Paulo State University, Franca, 2017.

Résumé

Les descriptions à propos de différents aspects de la vie des esclaves ont été constants dans les récits sur le Brésil produits au cours de la période dénommée coloniale. Dans les textes religieux, les rapports de voyageurs qui sont passés par ici, les chroniques et les histoires sur le Brésil, e aussi dans les manuels d'agriculture, de médecine et de chirurgie et dans les documents officiels, les allusions sur le traitement, les soins et l'entretien des esclaves étaient présents, donnant des indices sur ce qui était nécessaire, souhaitable ou répréhensible pour ceux qui avaient la mission de les garder vifs et productifs. En considérant cette variété de documents, notamment les écrits produits entre le milieu du XVIIe siècle, quand les informations sur les esclaves passent à transposer le simple fait de leur présence, et la translocation de la Cour en 1808 et leurs conséquences au milieu du quotidien colonial, cette étude vise à examiner les prescriptions et les descriptions sur l'entretien des captifs. À partir de trois aspects annoncés à plusieurs reprises comme l'essentiel pour le traitement approprié des esclaves, c'est-à-dire, les vêtements, les châtiments corporels et la nourriture - ou, comme les appelait le jésuite André João Antonil les « trois PPP », tissu, bâton et pain, en portugais, « pano, pau e pão » – le but de la présente étude sont les prescriptions, narrations et de leurs fondements, au profit du trésor public, aux bonnes mœurs et les préceptes chrétiens.

Mots-clés: Brésil colonial. Esclavage. Nourriture. Châtiments corporels. Vêtements.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Cidade e habitantes de Salvador.....	36
Imagem 2 – Habitantes do Maranhão.....	47
Imagem 3 – Extração de diamantes e carne seca.....	48
Imagem 4 – Extração de ouro no Rio das Velhas.....	49
Imagem 5 – Negros lavando diamantes no Serro Frio	50
Imagem 6 – Chegada ao Valongo.....	52
Imagem 7 – Rua do Valongo.....	53
Imagem 8 – Mercado de escravos	54
Imagem 9 – Escravas de ganho	55
Imagem 10 – Rostos masculinos de diferentes nações.....	81
Imagem 11 – Palmatória em escravos	92
Imagem 12 – Aplicação de castigos	94
Imagem 13 – Escravo chicoteado	95
Imagem 14 – Castigo público no Campo de Santana.....	99
Imagem 15 – Feitor castigando um escravo	101
Imagem 16 – Cadeia e transeuntes no Pentecostes.....	111
Imagem 17 – Cativos castigados	118
Imagem 18 – Penas corporais no âmbito doméstico	125
Imagem 19 – Mapa do quilombo de São Gonçalo, Minas Gerais.....	139
Imagem 20 – Escravas com víveres para a venda	166
Imagem 21 – Prospecto de Salvador	167
Imagem 22 – Vendeiras com tabuleiros	175
Imagem 23 – Venda de pão de ló	178
Imagem 24 – Armazém de carne seca	196

LISTA DE ABREVIATURAS

ABN – Anais da Biblioteca Nacional

ACL – Academia das Ciências de Lisboa

AGCRJ – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

AHCMM – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

ANRJ – Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

APB – Arquivo Público da Bahia

APM – Arquivo Público Mineiro

BA – Biblioteca d’Ajuda

BN – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

BNL – Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa)

CC – Casa dos Contos

CMOP – Câmara Municipal de Ouro Preto

CU – Conselho Ultramarino

DH – Documentos Históricos

DIHCS – Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo

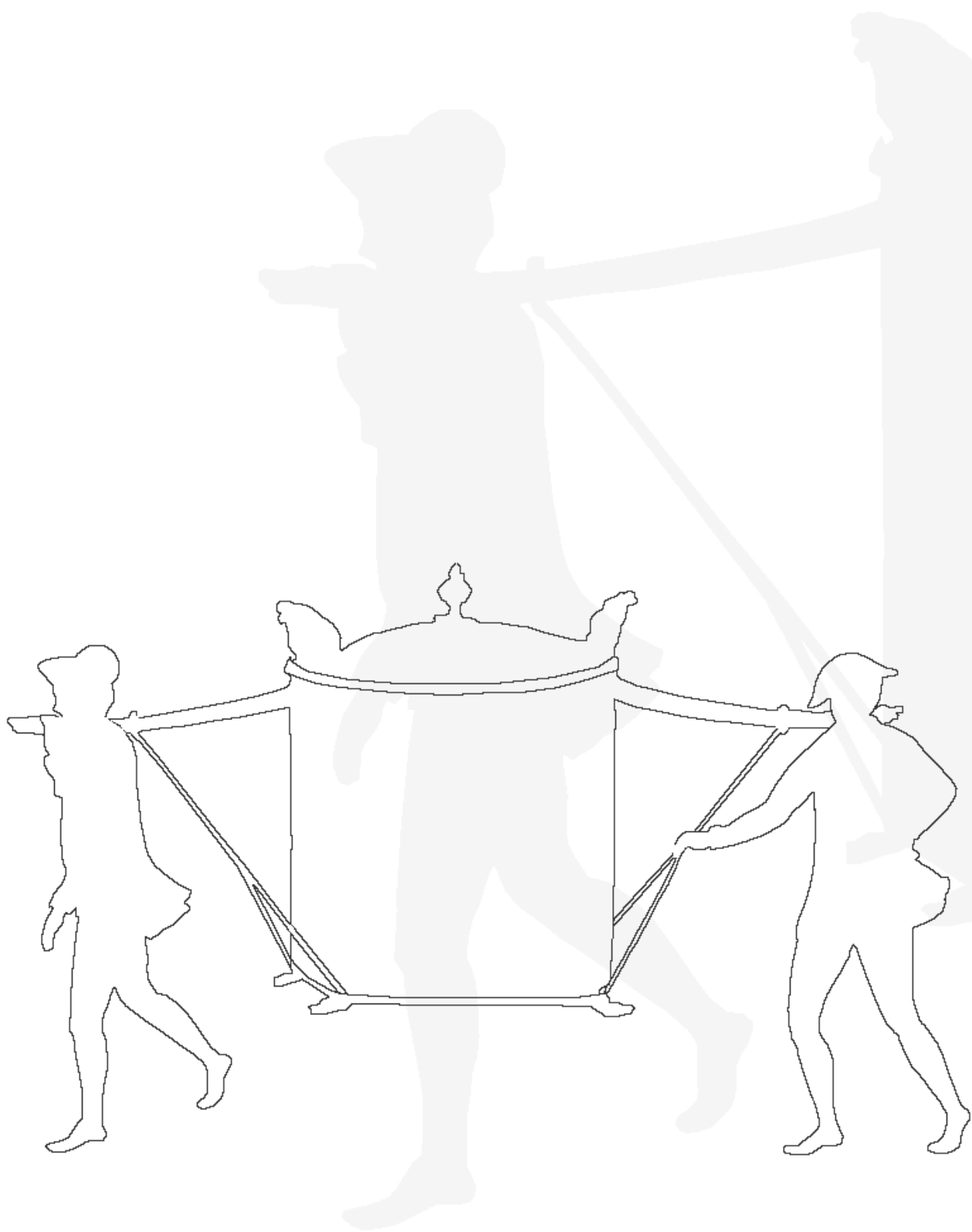
SC – Seção Colonial

SUMÁRIO

Introdução: Sobre o trato	15
Capítulo 1 – Pano	30
1.1 Vaidades vistosas e pecados desnudos	32
1.2 Vergonhas à mostra	45
1.3 Trajados para a salvação	57
1.4 Sujidades e asseios	63
1.5 Por debaixo dos panos	76
Capítulo 2 – Pau	84
2.1 Castigos necessários, punições exemplares	86
2.2 Leis e penas	97
2.2.1 <i>Prisões e galés</i>	106
2.3 Castigos desmedidos	115
2.4 Pretos fujões	127
2.5 No encalço dos mocambos	134
Capítulo 3 – Pão	145
3.1 Alimentar como dever	146
3.1.1 <i>Cuidar das próprias roças</i>	157
3.1.2 <i>O ganho das ruas</i>	165
3.2 Sustar com o possível	179
3.2.1 <i>Ingredientes da ração</i>	185
3.2.2 <i>Partilha da mandioca</i>	201
3.3 O mal e a cura pela boca	211
3.4 Pão do céu	225
Considerações finais: Um senhor justo	232
Referências bibliográficas	239
Documentos	240
Estudos	263
Obras de referência	284
Apêndice	285

Introdução

Sobre o trato



Por volta de 1790, o professor de grego e cronista Luís dos Santos Vilhena (1744-1814) iniciou uma de suas missivas ao lisboeta Filopono, reunidas em sua *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas* (1802), anunciando que já era chegada a hora de o amigo, depois de conhecer o “corpo físico” da Baía de Todos os Santos, receber algumas noções de seu “corpo espiritual”.¹ Referia-se Vilhena à dinâmica e costumes dos tantos povos habitantes de Salvador, cidade onde se radicou em 1787 e que por ele foi vista, vivida e descrita em minúcias ao longo de vários anos. A observação da urbe o levou a colocar no papel diversas de suas opiniões² e notícias sobre o vai-e-vem das ruas e, nesta carta em especial, da presença e ações dos escravos naqueles tempos. Relata ele que “os mulatos e pretos” que erravam pelas vielas eram quase todos “cegos, aleijados, velhos e estropiados”, e que a maior parte destes resultava de dois tipos de comportamento: “da mal-entendida caridade de uns [senhores de escravos] e da escandalosa desumanidade de outros”. Sobre o primeiro dos aspectos, explica:

Chamo caridade mal-entendida a daqueles senhores e senhoras que deixam por sua morte forros escravos e escravas sem ofício, sem legado e sem arrimo. Se estes são velhos, pouco ou nada podem e querem trabalhar para adquirirem o sustento, motivo porque se metem logo a pedintes, sendo por isso pesados ao Estado; se são moços querem mostrar aos que são cativos a diferença que vai da liberdade ao cativeiro, o que lhes fazem ver entregando-se aos vícios que a ociosidade lhes sugere e como lhes falta quem os corrija e admoeste, vem de comum a morrer bêbados, ou nas enxovias, e quando tem fortuna vão muitos deles passar o resto de sua vida nas galés; se são fêmeas e ficam tolhidas, entrevadas e comidas de miséria, pedindo uns e outros pelas portas para poderem alimentar-se; o que não lhes sucedera se fossem sujeitos a quem os não devia deixar entregues às torrentes dos vícios em que se engolfam, a quem os sustentasse, os curasse nas enfermidades, os livrasse de crimes, etc.

Mais adiante, sobre a segunda colocação, comenta:

Não se faz certamente injúria em chamar desumano a quem pelo não sustentar lança fora de sua casa um escravo que no seu serviço cegou ou estropiou, de forma que não pode mais servir, tendo sido mais afortunados os bois dos israelitas do que os escravos dos senhores tais, e se estes merecem o nome de desumanos conservando no cativeiro escravos cegos e aleijados, sem dar-lhes sustento algum, os mandam mendigar pelos fiéis, para que no fim de cada semana lhe paguem quatrocentos e tantos réis, pena de áspero castigo.³

¹ VILHENA, Luís dos Santos. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas*. [1802]. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1921, v. I, p. 123

² O professor Braz do Amaral, comentarista das cartas desta edição, refere-se ao cronista, todavia, como um “observador imparcial”. Ver: AMARAL, Brás do. Notas e comentários sobre a terceira carta de Luiz Vilhena pelo Professor Braz do Amaral. In: VILHENA, Luís dos Santos. op. cit., p. 147.

³ VILHENA, Luís dos Santos. op. cit., p. 134-135.

Entre as tantas notas que supostamente enviava ao Reino, chama atenção a relação que empreende entre a falta de sustento ao negro e a situação considerada lastimável de muitos deles, fossem libertos entregues aos vícios – por falta de instrução de seus senhores –, fossem eles ainda cativos, injuriados pelo trabalho, fadados a esmolar por comida e alguns vinténs destinados a seus possuidores. Tais advertências sobre a necessidade de prover um trato adequado ao cativo não era, entretanto, exclusividade dos leigos de finais do século XVIII.

Na aurora do século anterior, em 1700, o moralista Jorge Benci (1650-1708), jesuíta que residira no Brasil por quase 20 anos,⁴ confecciona uma obra especialmente dedicada a estabelecer normas de conduta para os senhores no tratamento de seus escravos.⁵ O religioso constatava, de saída, que era obrigação dos senhores zelar pelo bom governo daqueles cativos, fornecendo-lhes não somente o trabalho e o castigo, mas também o sustento, ou melhor, o pão adequado.⁶ Tamanha seria a precisão de amparar o cativo que, de acordo com outro religioso, Manuel Ribeiro Rocha (?-1778), em seu *Étiope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado* (1758), um “Discurso Teológico-Jurídico, em que se propõe o modo de comerciar, haver e possuir validamente, quanto a um e outro foro, os Pretos cativos Africanos, e as principais obrigações que correm a quem deles se servir”, a não observação desse cuidado poderia ocasionar a perda legal da propriedade do escravo. Respaldado em fundamentos jurídicos, o padre revela que, dentre as “graves e condignas penas” impostas pelo direito civil “aos possuidores de escravos” que descuidassem das suas obrigações, não acudindo aos seus “com os alimentos e medicamentos necessários na enfermidade”, estava a de que perdessem sobre eles o domínio e deixando-os “forros”.⁷ Correspondências presentes no Arquivo do Conselho Ultramarino⁸ parecem vir ao encontro dessa afirmação, haja vista a presença de requerimentos ao rei, como o do desembargador José Pereira, que, na

⁴ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Portucália, 1938, v. 10, p. 95-96.

⁵ FIGUEIRA, Pedro de Alcantara; MENDES, Claudinei M. M. Estudo preliminar. In: BENCI, Jorge. *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977, p. 9.

⁶ BENCI, Jorge. op. cit., p. 54.

⁷ ROCHA, Manuel Ribeiro. *Étiope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado*. (Edição crítica de 1758). Edição de Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 2017, p. 123.

⁸ O Conselho Ultramarino foi instituído em 1642, após a dissolução do que ficou conhecido como “União das Coroas Ibéricas”. Ainda que subordinado a um dos quatro secretários do Governo de Portugal, o Conselho tinha amplo poder para avaliar e responder para e sobre as mais diversas questões da colônia, com exceção das de caráter religioso. A instituição foi o principal veículo de comunicação entre os domínios ultramarinos e o Reino. Cf. MOURA, Denise A. Soares de (org.). *Nas ondas do oceano. O patrimônio histórico-documental das câmaras do Brasil-colônia no acervo do Conselho Ultramarino*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 18.

metade do Setecentos, solicitava um documento comprobatório de sua desobrigação em alimentar alguns escravos que se encontravam temporariamente em sua casa.⁹

Ainda que houvesse essa chance legal de expropriação do escravo pela falta de trato adequado, são volumosos os relatos, fossem de nativos da porção portuguesa nas Américas, de trasladados em definitivo para os trópicos ou de passantes por essas terras, sobre a trágica situação em que muitos dos negros se encontravam. É o que se lê, por exemplo, entre as notas legadas pelo cirurgião francês – e prisioneiro da Inquisição de Goa – Charles Dellon (1650-1710), em uma estada de cinco meses na cidade de São Salvador, em 1676. O estrangeiro concluía que a causa de muitas das desordens presentes no Brasil era “o grande número de escravos que há no país e a maneira cruel como são tratados – não lhes sendo dado o necessário para sobreviver e castigando-os excessivamente pelas menores faltas”.¹⁰ A propósito do tratamento a eles dispensado, o francês também nos conta que mesmo o acolhimento dado a um cristão que porventura caísse nas mãos de um corsário seria “incomparavelmente mais ameno”.¹¹ Em razão do descuido dos senhores com o provimento de víveres aos cativos, a exigência de altas somas dos escravos – que, constantemente, não conseguiam obter – e o excesso de castigos que se valiam para “corrigi-los”, explica o cirurgião, a cidade era tão insegura quanto os campos, “e, por mais severamente que se castiguem os que são apanhados, a roubalheira não tem fim”.¹² O quadro que resultava da falta do trato e o *excesso* de punições geraria, pois, problemas para além das porteiras das fazendas ou das entradas das casas, afetando toda a sorte de gentes, e não somente os que mantinham uma relação direta com os não livres.

Embora os escritos de Vilhena, Benci, Ribeiro Rocha e mesmo a citada missiva ao rei e o relato de Dellon se refiram maiormente ao cotidiano baiano, a recorrência das menções sobre o tratamento – ou sua falta – dos escravos não se restringiu àquela capitania. Em São Sebastião do Rio de Janeiro, Sir George Leonard Staunton (1737-1801), membro de uma comitiva que seguia rumo à China em 1792, e que permaneceu duas semanas naquelas plagas, descreveu, entre outras coisas, o que pôde conhecer da dinâmica do comércio e da vida dos escravos, considerada por ele menos desafortunada do que a daqueles negros que rumavam às Antilhas, já que tinham dois dias livres para

⁹ *REQUERIMENTO do desembargador José Pereira ao rei* [...]. Bahia. Anterior a 3 de julho 1751. AHU_ACL_CU_005, Cx. 107, D. 8368.

¹⁰ CHARLES (ou Gabriel) Dellon. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro/ São Paulo: José Olympio/ Unesp, 2012, p. 435.

¹¹ *Ibidem*, p. 435.

¹² *Ibidem*, p. 428-429.

tratar de seus assuntos – os caribenhos tinham um. Chegou mesmo a considerar que os africanos, “naturalmente alegres e plenos de vivacidade”, acabavam por se acomodar àquela situação com certa facilidade. Esse inglês conheceu ainda o Valongo, local que se tornou o depósito dos escravos recém-aportados e onde aquelas almas esperavam para serem comercializadas. Não encontrou naquele depósito a “música e a dança” que elencou como “as grandes paixões dessa classe de indivíduos”. Lá, ao invés de receberem alimentação e cuidados que reestabelecessem suas forças após um longo e duro¹³ trajeto transatlântico, eram banhados e recobertos por uma camada de algum tipo de óleo ou de graxa. E completa: “além desses cuidados, busca-se, por meio de artifícios diversos, ocultar todo e qualquer defeito ou moléstia que eles possam ter a fim de facilitar a venda”.¹⁴

Poucos anos depois, para citar mais um exemplo, outro inglês aportado na Baía de Guanabara – o oficial James K. Tuckey (1776-1816) –, declarou que “a maior parte dos negros importados [seguia] para as minas”, e que lá muitos deles morriam logo “devido à mudança de clima, à alteração da alimentação e a um abatimento moral, que aqui é desdenhado e taxado de casmurra”. Refletindo sobre a situação daqueles homens fadados ao cativeiro, postula de forma contundente que ainda que a natureza não tivesse elevado aquela estirpe “ao nível dos homens nascidos nos climas temperados, nem por isso rebaixou-os ao nível dos animais”.¹⁵ A *humanidade* desses africanos seria, nesse sentido, a maior das justificativas para que seu sustento fosse minimamente adequado.

Figuras extremamente presentes nas cidades e campos das terras de cá, os cativos foram notados e descritos com curiosidade, espanto, pena e rigor; suas atividades careceram de regulação moral e física; seus comportamentos e hábitos foram censurados, permitidos e controlados; as condições com que foram transportados desde a África e mantidos sob a custódia de senhores nas terras de cá foram ponderadas, condenadas e normatizadas. De que maneira, contudo, todas essas condições e implicações tangentes ao escravo foram descritas? Quais elementos eram considerados fundamentais para se pensar o trato dos cativos? Quem se preocupou em descrever ou prescrever normas de comportamento para essa população? Desde quando pensar o sustento da escravaria fez-se importante para entender a estruturação da sociedade brasileira?

¹³ Ver REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁴ GEORGE Leonard Staunton. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 277.

¹⁵ JAMES K. Tuckey. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Outras visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1582-1808)*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013, p. 275.

Em linhas gerais, procurar-se-á compreender, aqui, de que maneira se configuraram as relações entre senhores e escravos no que concerne ao trato de seu corpo, relações que foram observadas e balizadas pelas opiniões e prescrições de múltiplas vozes. Mais do que pensar, portanto, as descrições sobre o escravo e seu corpo no período colonial, o que se propõe é compreender as implicações da provisão de sustento, considerando seu amplo sentido, no seio da relação senhor-escravo, lançando luz sobre as obrigações recíprocas, as que competiam exclusivamente ao senhor e, ainda, as que foram aventadas como parte da condição do cativo. Em suma, objetiva-se refletir, a partir de impressões e olhares oriundos de diversos locais da sociedade de então, como a atenção ao comportamento e corpo físico do escravo estava estritamente ligada ao cuidado de suas almas – e mais, às almas de seus senhores. A partir de textos laicos e religiosos, prescritivos e descritivos, frutos de observações longas ou rápidas, figurinhas informativas ou pinturas encomendadas, é mote do presente estudo entender um pouco mais sobre o jogo – ora tenso, ora brando – e os jogadores envolvidos nessa trama de obrigações postas, negociadas e, também, negligenciadas, que compôs o trato e o sustento dos escravizados entre meados do século XVII e o primeiro decênio do século XIX.

O ponto de partida justifica-se porque a preocupação em prescrever um comportamento do ou em relação ao cativo, e mesmo de descrevê-lo, não fora corrente desde o início da presença africana na *terra brasilis*. Embora a primeira viagem de um negreiro para as Américas tenha ocorrido já em 1525 – e o tráfico contínuo para o Brasil tenha tido início em 1560 –, será apenas em 1633, pela voz e pena de um dos mais importantes pregadores do idioma de Camões, o Padre Antônio Vieira (1608-1697), que a figura do escravo passa a ser protagonista, ou melhor, a ser tópica mais central em um escrito. O chamado *Sermão Décimo Quarto do Rosário*, pregado na Bahia à irmandade dos pretos de um engenho no dia de São João Evangelista, é dos primeiros textos onde o cativo é tema e supostamente receptor.¹⁶

Nas obras anteriores ao referido sermão, os escravos apareciam como parte marginal nas descrições do novo mundo, perdendo espaço para as então conhecidas “grandezas do Brasil”, como nomeou Ambrósio Fernandes Brandão (1618): a terra e o gentio. Ele assinala que havia “tanta gente dessa cor preta e cabelo retorcido” nessas plagas que não era preciso desviar “de nossa prática em tratar dela”.¹⁷ No conjunto, então,

¹⁶ Segundo Hernani Cidade, o primeiro desses sermões teria sido pregado na Bahia, à Irmandade dos Pretos de um engenho, no dia de São João Evangelista, no ano de 1633. Já o sermão vigésimo teria sido pregado “a uma confraria de escravos”. CIDADE, Hernani. *Padre Antonio Vieira*. Lisboa: Agencia Geral das Colonias/ Divisão de Publicações e Bibliotecas, 1940, vol. III, p. 5, 91.

¹⁷ BRANDÃO, Ambrósio F. *Diálogos das grandezas do Brasil*. 3. ed. Notas de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Massangana, 1997, p. 99.

de escritos do primeiro século de ocupação mais sistemática nas Américas – nas missivas dos Padres Manoel da Nóbrega (1517-1570), Antônio Pires (1519-1572) ou do conhecido José de Anchieta (1534-1597), além das obras de Pero de Magalhães Gândavo (1540-1579), Fernão Cardim (1550-1625), Gabriel Soares de Souza (?-1591), Frei Vicente Salvador (1564-1636) e do citado Ambrósio Brandão (1555-1618) – as menções aos cativos “de Guiné” são restritas a poucos temas, e a poucas ocasiões. Num olhar igualmente ligeiro, podemos circunscrever suas aparições entre notas sobre o gradativo desaparecimento dos “negros da terra” e sua substituição como mão de obra nas fazendas, sobre o auxílio da Coroa na evangelização nessas plagas, no sucesso das ações missionárias – como nos batismos –, em frestas abertas nas descrições de hábitos e costumes dos naturais da terra, nos relatos de doenças e epidemias – identificados como causadores dos males – e em fragmentos referentes à defesa das diversas fronteiras da porção lusa nas Américas.

A partir da pregação de Antônio Vieira na Irmandade dos Pretos na Bahia, a urgência e obrigatoriedade do senhor em tratar do corpo físico e espiritual de seus sobrepujados são ressaltadas, além de outras questões concernentes ao cativo. Naquela ocasião, o padre questionava a postura dos senhores de escravos, notadamente no que concernia ao seu trato e sustento. Em suas palavras:

E que confusão, pelo contrário, será para os que se chamam senhores de engenho, se atentos somente aos interesses temporais, que se adquirem com este desumano trabalho, dos trabalhadores seus escravos, e das almas daqueles miseráveis corpos, tiverem tão pouco cuidado, que não tratem de que louvem e sirvam a Deus, mas nem ainda de que o conheçam?¹⁸

Verifica-se, assim, a emergência de discussões que vão além da constatação de que os africanos estavam na América ou que poderiam ser melhores servos que os índios “porque nunca fogem nem tem para onde”,¹⁹ ou, ainda, que aqui havia um punhado de negros “doentes e tristes”.²⁰ Conquanto haja, sim, menções em cartas e crônicas anteriores

¹⁸ VIEIRA, Antonio. *Essencial*. Organização e introdução de Alfredo Bosi. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 194.

¹⁹ GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil*; História da Província Santa Cruz. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p. 82.

²⁰ NÓBREGA, Manuel da. Cartas. In: LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. Lisboa: Tip. Atlântida, 1956-1958, tomo I, p. 101.

ao supradito sermão sobre a alimentação²¹ e a mortandade²² dos escravos, ou seja, notícias de algum interesse sobre os cuidados que eles demandavam, não o são de maneira sistematizada ou não desviavam substancialmente da atenção dada aos aspectos moral e material dos naturais da terra.

Ao que parece, ao passo que se avolumam os negros nessas terras, avolumam igualmente as narrativas em que são tematizados. E esse substantivo salto quantitativo da presença africana no Brasil se faz presente nas mais diferentes memórias daquele período. Tão substantivo, aliás, que essas memórias indicam, uníssonas, que eram em maior número os negros que os brancos nas mais diversas porções do território. O francês Amédée François Frézier (1682-1773), em sua segunda viagem ao Brasil (1714), chega a afirmar que, em Salvador, “dezenove entre vinte pessoas do lugar são negros ou negras seminus [...] de modo que a cidade parece uma Nova Guiné”.²³ O peregrino Nuno Marques Pereira (1652-1728), no compêndio²⁴ publicado no ano de sua morte, junta-se ao coro dos que viram na Bahia uma multidão de negros cativos. Os embarcados no *L'arc en Ciel*, em passagem pelo Rio de Janeiro em 1748, afirmam que o número de negros que podia ser visto no Brasil era “prodigioso”. Em suas notas, informam que “só o trabalho das minas, chamadas Minas Gerais, empregou em 1748, segundo o registro de capitação da armada, 110.000 escravos”.²⁵ Em uma das contagens de almas feita nas Gerais, pouco tempo depois, em 1767, a capitania contava com 126.603 escravos, o que correspondia a 60,7% da população total.²⁶

Outros dados também revelam que a população da província do Rio de Janeiro, em 1789, era de quase 170 mil habitantes, dos quais metade se constituía de escravos.²⁷ A sensação que se tinha ao percorrer as ruas da cidade parece ter sido, entretanto, próxima

²¹ Como Frei Vicente Salvador, onde se lê “[...] os negros de Guiné que com eles se haviam metido, a buscar frutas e mantimentos pelos pomares e roças circunvizinhas [...]”. SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627)*. 6. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos/ Instituto Nacional do Livro, 1975, p. 367.

²² “Alguns devem muito pelas grandes perdas que tem com a escravaria de Guiné, que lhe morrem muito, e pelas demasias e gastos grandes que tem em seu tratamento”. Cf. PIRES, Antônio. Carta aos irmãos da Ordem de Coimbra. In: LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros [...]*, tomo I, p. 334.

²³ AMÉDÉE François Frézier. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil [...]*, p. 509.

²⁴ Muito pouco se sabe sobre a vida do padre e moralista Nuno Marques, autor do livro que ficou conhecido abreviadamente como “O peregrino da América” e, ao que parece, obteve uma grande aceitação em seu tempo, tamanha a quantidade de reedições que foram à prensa. A obra conjuga a narração de uma viagem – que pode ter sido imaginária – com personagens a dialogar com o peregrino, possivelmente o próprio autor, que avalia as situações e aconselha os homens que conhece.

²⁵ L'ARC en Ciel. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial*, p. 108.

²⁶ ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Homens Ricos, Homens Bons: produção e hierarquização social em Minas Colonial: 1750-1822*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001, p. 53.; PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2001, p.119.

²⁷ FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras*. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 26.

àquela que se apercebeu em Salvador do início do século. Os supracitados navegantes da embarcação francesa *L'arc en Ciel* descreviam a cidade do Rio de Janeiro como um “verdadeiro formigueiro de negros”.²⁸ Também em passagem pela cidade, o famoso capitão James Cook (1728-1779), em 1768, traçava o seguinte quadro populacional da urbe: “[...] é composta por portugueses, negros e naturais do país. Estima-se que a Capitania ou província, da qual a cidade é uma pequena parte, possua 37.000 habitantes brancos e 629.000 negros, muitos deles livres, perfazendo um total de 666.000 homens. Segundo essas informações, há 17 negros para cada branco”.²⁹ Diz-nos ainda outro viajante, Friedrich Ludwig Langstedt (1750-1804), já pelos idos de 1782, que a população do Rio de Janeiro era “composta por portugueses, negros e mulatos, sendo a proporção entre brancos e negros de 1 para 14”.³⁰

Malgrado os exageros, a supremacia numérica dos negros não se alteraria tão cedo. Ao longo do Oitocentos, no entanto, mudanças significativas no entendimento do corpo, escravo ou não, dos mecanismos para se manter a saúde, no tráfico negreiro e nas instruções para o desenvolvimento agrícola do Brasil justificam uma circunscrição da atenção do presente estudo até os primeiros anos do XIX. A instituição Escola de Cirurgia na Bahia e no Rio de Janeiro, em 1808, lança as primeiras sementes de uma formação médica nessas terras, balizando novas maneiras de se pensar e se agir sobre os corpos; o anunciado “fim do tráfico atlântico” em 1830 dava sinais que não seria mais possível repor os muitos cativos mortos das fazendas e cidades. Os manuais de agricultura publicados especialmente a partir dessa década, a exemplo dos escritos por Jean-Baptiste Imbert (1839), Carlos Augusto Taunay (1839), Francisco Peixoto de Lacerda Weneck (1847) ou Antônio Caetano da Fonseca (1863), objetivam regular o trato em prol da produtividade das lavouras e garantir que essa América parasse de “devorar os pretos”.³¹ Apresentavam-se como guias prudentes aos “novos fazendeiros que andam a esmo sem conhecer (...) a maneira de bem dirigir o seu trabalho”,³² com o fim de criarem um “hábito salutar da escravidão”.³³ O que se vê no Oitocentos, grosso modo, é a perda de força da

²⁸ L'ARC en Ciel. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial*, p. 109.

²⁹ JAMES Cook. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. op. cit., p. 179.

³⁰ FRIEDRICH Ludwig Langstedt. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. op. cit., p. 233-234.

³¹ TAUNAY, Carlos Augusto. *Manual do agricultor brasileiro*. Organização de Rafael de Bivar Marquese. Coleção Retratos do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.76.

³² WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda. *Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro*. Edição de Eduardo Silva. Rio de Janeiro/Brasília: Fundação Casa de Rui Barbosa/Senado Federal, 1985.

³³ FONSECA, Antônio Caetano da. *Manual do agricultor dos gêneros alimentícios ou método da cultura mixta destes gêneros nas terras causadas pelo sistema vegeto-animal; modo de criar e tratar o gado, e um pequeno tratado de medicina doméstica para fazendeiros*. Rio de Janeiro: Ed. Eduardo & Henrique Laemmert, 1863, p. 81.

prédica de um governo de escravos pautado na instrução cristã, frente à necessidade de aumento da produção e da reprodução dos escravos nas fazendas, como argumenta, aliás, o citado Taunay,³⁴ e a manutenção da saúde dos corpos, pela ótica estritamente especializada do médico, ganhar fôlego. Ainda que, em momentos oportunos, algumas indicações sobre persistências ou grandes discrepâncias em décadas avizinhas a 1808 sejam apresentadas, esse estudo procura observar mais de perto as prescrições e instruções sobre o sustento do escravo num período anterior.

Há de se salientar, ainda, que a escravidão, urbana ou doméstica, em campos ou minas, impactou e transformou a vida no Brasil colonial mais profunda e incisivamente que qualquer outro fator isolado.³⁵ Como se sabe, a Bahia, as Minas Gerais e o Rio de Janeiro, os espaços mais mencionados nas últimas páginas, não foram os únicos locais que contaram com homens, mulheres e crianças cativas e, nessa esteira, não são apenas nessas três porções do Brasil que se pode encontrar notícias sobre a vida, os costumes e o trato que receberam. Se pensarmos apenas na comunicação oficial entre colônia e metrópole presente nos arquivos do Conselho Ultramarino, entre 1642 e 1808, é possível mapear pelo menos 112 registros de cartas, requerimentos, ofícios, entre outros documentos, trocadas com a Bahia, 111 com Pernambuco – onde a questão de Palmares se destaca –, 127 com o Pará, 157 com o Rio de Janeiro e 88 com as Minas, só para citar os locais com maior volume de documentos cujo assunto principal é relativo à escravaria.³⁶ Esse número, no entanto, a primeira vista expressivo, é um pequeno nicho temático no universo administrativo colonial, o que nos dá algumas pistas sobre o caráter mais “privado” das questões concernentes ao trato e ao sustento dos cativos na América Portuguesa.

Bahia e Rio de Janeiro eram, sem dúvida, as duas maiores portas de entrada para os africanos no Brasil. Aí essa mão de obra era distribuída para freguesias, engenhos, minas e sobrados. Não é, pois, de se espantar que concentrem tantas e tão variadas notas acerca dos cativos. Não espanta, tampouco, que as fazendas e engenhos, especialmente as de produção extensiva e, por conseguinte, com maior número de escravos reunidos, tenham recebido a atenção de diversos letrados e tratadistas. Também não surpreende, outrossim, que a Coroa tenha tentado afastar das Minas muitos curiosos e possíveis informantes de outras nações sobre aquelas riquezas e, sobre a região no ápice da extração de ouro e diamantes, tenha-se mais notícias oriundas de documentação administrativa e

³⁴ TAUNAY, Carlos Augusto. *Manual do agricultor brasileiro*, p. 77.

³⁵ BOXER, Charles R. *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 27.

³⁶ Para a listagem completa dessa documentação, ver a bibliografia geral da tese.

notarial – testamentos e inventários³⁷ – do que de estudos e notas.³⁸ Um rápido olhar³⁹ sobre a configuração desses espaços no tempo revela o movimento populacional impulsionado, especialmente, pelo deslocamento das atividades econômicas das porções que compunham essa América então portuguesa. Por esta razão, faz-se imperativo analisá-las em conjunto quando o que se pretende é observar o trato do cativo.

Neste amplo cenário de deslocamento geográfico de homens livres, escravos, produtos e atividades, porém de persistências quanto ao uso quase que exclusivo de mãos negras e mulatas para os engenhos, mineração, transporte de cargas e comércio de rua, para citarmos algumas de suas ocupações, o que se quer avaliar são os mecanismos de que se valeram seus senhores e traficantes para dar-lhes sustento, prover-lhes tratamento e garantir controle de seus corpos – ou seja, quais obrigações eram prescritas, fossem elas cumpridas ou não. É possível delimitar, nesse quadro, alguns espaços de observação que, malgrado qualquer distinção, tinham como elo a presença significativa do escravo e a necessidade de que seus braços fossem mantidos aptos ao trabalho e as almas de seus possuidores destinadas ao céu: as fazendas, urbes e minas, além de, também, o caminho que trasladava o africano a seu destino cativo, qual seja, o navio negreiro. Vislumbrando o corpo escravo como um espaço de controle, mas também de disputas, aqui, ele será observado menos dentro de um quadro dicotômico – senhor opressor *versus* escravo oprimido – e mais em um quadro multifacetado.

Decorrem daí algumas questões: em que medida essas experiências rurais e urbanas proporcionaram condições semelhantes ou díspares no que tange ao tratamento dos cativos? Havia, em detrimento da regra feita em cada propriedade ou casa, um regulamento oriundo da administração real para essa matéria? Para que direção apontaram aqueles que se dedicaram a anotar características dos corpos dos escravizados ou ainda os que se ativeram mais detidamente nessa questão? De que modo, em suma, as condições de trato do escravo foram vistas e descritas nessas terras?

³⁷ Para a região das Minas, ver, por exemplo: *CATÁLOGO de fontes*. História da saúde e das doenças na comarca de Vila Rica. (1700-1808). Disponível em: <<http://www.nec.ufop.br/catalogo/catalogo.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

³⁸ O século XIX será palco, no entanto, do trânsito, observação e conseqüente escritura de diversos textos sobre a região, como: BURTON, Richard Francis. *Viagens aos Planaltos do Brasil* (1868). Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1941; CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul* [1843]. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000; GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von; SPIX, Johan Baptist von. *Viagem pelo Brasil*: 1817-1820. Trad. Lúcia F. Lahmeyer. 3ª edição. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976, 3 v.

³⁹ Para uma síntese desse movimento, ver, por exemplo, o capítulo AB'SÁBER, Aziz Nacib. Aspectos da geografia econômica do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960, tomo I – A época colonial, v. 2, p. 177-182.

Muitos são aqueles que, em alguma medida, dão-nos pistas de como responder a tais interrogações. Em memórias, livros e cartas legadas pelos citados irmãos da Companhia de Jesus, bem como em sermões outrora pregados, encontram-se muitas das características imputadas ao escravo e à sua manutenção cotidiana. Em uma sociedade em que a principal forma de difusão de conhecimentos e informações era pela oralidade, esses sermões, especialmente, constituem-se como uma valiosa fonte de modelação de comportamentos.⁴⁰ Vê-se, ainda, um significativo número de homens de letras que, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, dirigiram seus esforços e escritos no sentido de educar os possuidores de escravos, tanto para dispensar-lhes um trato mais humanizado e cristão,⁴¹ quanto para expandir os ganhos senhoriais,⁴² como se vê nas memórias de Manuel de Arruda Câmara (1752-1810) e Luís dos Santos Vilhena, além das de José Mariano da Conceição Velloso (1742-1811), só para citar alguns.

Médicos diplomados e cirurgiões licenciados examinaram com cuidado o corpo do escravizado, exame presente já nos primeiros relatos especializados em vernáculo sobre as doenças do Brasil. Mais do que inventariar os males que poderiam abalar a saúde dos traficados de África e seus descendentes, esses doutos procuraram descrever aqueles corpos, aqueles achaques, as práticas e hábitos daqueles homens e as estratégias necessárias para trazer os cativos em estado perfeito para o trabalho. Miguel Dias Pimenta (1661-1715), mascate, prático em medicina em Pernambuco e autor da *Notícia do que é o achaque do Bicho* (1707), descreve as causas e efeitos da doença que nomeia seu tratado, o bicho ou maculo, bastante identificada nos corpos dos cativos. Algumas décadas depois, o cirurgião Luís Gomes Ferreira (1686-1764), pondo em papel suas experiências curativas nas Minas, concorda que aquele “bicho” atinja “principalmente os escravos”,⁴³ mas que não era apenas essa a doença por eles contraída e que merecia cuidado.

Aos olhos de doutos como Luís Antônio de Oliveira Mendes (1750-1814), Gomes Ferreira ou Pimenta, era necessário elaborar estratégias para restaurar a saúde dos escravos, pois empreender esforços – e altos montantes – no transporte dos negros para

⁴⁰ MASSIMI, Marina. Alimentos, palavras e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII. *Hist. Ciênc. Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 253-270, abr./jun. 2006.

⁴¹ PESSOA, Raimundo Agnelo Soares. O escravo negro nos primeiros escritos coloniais (1551-1627). *SÆCULUM Revista de História*, n. 13. João Pessoa. jul./dez. 2005, p. 21.

⁴² MARQUESE, Rafael de Bivar. A administração do trabalho escravo nos manuais de fazendeiro do Brasil Império, 1830-1847. *Rev. hist.*, São Paulo, n. 137, dez. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091997000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2012.

⁴³ FERREIRA, Luis Gomes. *Erário Mineral*. Organização de Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002, v. II, p. 638.

que chegassem “a maior parte deles feitos uns esqueletos”,⁴⁴ com minas e campos carecendo de seus braços, consistia num grande problema. Para alterar tal quadro, acreditavam ser imprescindível olhar acuradamente para os sinais de doenças e, também, para a limpeza das senzalas. As “rações” destinadas aos cativos deveriam ser igualmente observadas: o uso, por exemplo, de carne seca, farinha de mandioca, pimenta, gengibre, dendê, cachaça “que nutre aquela miserável porção da espécie humana”,⁴⁵ era o primeiro suspeito de Bernardino Antônio Gomes (1768-1823), doutor que medicou nessas terras entre finais do século XVIII e início do XIX, para a enorme ocorrência de boubas entre os escravos.

De forma muito menos prescritiva, aventureiros, diplomatas, corsários, oficiais militares, religiosos e comerciantes que se colocaram nos caminhos atlânticos e aportaram nos trópicos portugueses registraram, entre uma miríade de assuntos, um cotidiano que englobava os cativos. São eles responsáveis por dar as cores da dinâmica das cidades e fazendas visitadas, cores do Brasil que se fez visto na Europa, uma imagem e um vocabulário do Novo Mundo que circulou no “Velho”,⁴⁶ de onde não escapa o contingente de negros avistados nas roças e cidades. Esses estrangeiros põem em tinta sobre papel impressões de um quadro, muitas vezes, estranho a seus referentes pátrios, o que torna seus olhares e julgamentos particularmente interessantes. Muitos desses forasteiros não viam os escravos como um elemento insignificante,⁴⁷ mas, sim, digno de nota, razão pela qual recorrer aos juízos que teceram sobre a relação da escravaria e as outras gentes dos trópicos enriquece esse quadro tão plural que intentamos apresentar.

Ao conjunto de impressões legadas por religiosos, letrados, doutores e viajeros, há ainda dois ricos repositórios de informações sobre o cotidiano e as práticas nele presentes: as missivas e ordens remetidas por ou para colonos e autoridades metropolitanas, salvaguardadas pelo Arquivo Histórico Ultramarino. Os requerimentos, ofícios, petições, avisos, cartas e representações dão notícia sobre fugas, informam sobre o passaporte de negros, pedem mais dinheiro para prover condições aos cativos presos, solicitam isenção no trato de um ou outro preto, falam da falta do cumprimento de acordos de alforria, denunciam maus-tratos, contam da quantidade de desembarcados dos negreiros, informam das pestes e epidemias “causadas” ou “trazidas” pelos escravos, listam valores de compra e venda, descrevem as sentenças dessa gente sem sorte.

⁴⁴ FERREIRA, Luis Gomes. *Erário Mineral*, v. II, p. 638.

⁴⁵ GOMES, Bernardino Antônio. *Memória sobre as boubas*. In: *MEMÓRIAS da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Na Typografia da mesma Academia, 1805, tomo IV, parte I, p. 9.

⁴⁶ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil*, p. 284.

⁴⁷ KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 21.

Nessas amplas descrições alguns aspectos são mais frequentes: vestimentas, moradia, alimentação, doenças, traços físicos – elementos que, de forma direta ou não, versavam sobre o cuidado com o corpo, um lugar onde muitas prescrições e expectativas se inscrevem, um registro de práticas compartilhadas por essa sociedade.⁴⁸ O corpo seria, então, um ponto privilegiado de observação das regras aplicadas ao escravo, se tomarmos o objeto que é de interesse para esse estudo, e das próprias condições físico-espaciais de manutenção ou controle. Veremos, adiante, o modo como cada um desses corpos são construídos, cuidados, educados, concebidos⁴⁹ e descritos.

O conjunto de documentos acima exposto, é indispensável destacar, indica como diversos elementos da sociedade que paulatinamente constituía-se nos trópicos – aqui estabelecidos ou de passagem, como é o caso de muitos viajantes – aperceberam, registraram e forjaram modos de lidar com um contingente demasiado significativo daqueles homens, os “pretos”,⁵⁰ muito mais que meramente representar⁵¹ maneiras de ver “os de Guiné”. Longe de comporem um quadro mais *real* das impressões sobre o escravo, por seu expressivo volume e multiplicidade, esses discursos plurais não se somam para dar as cores do que *realmente* se viu sobre o dia a dia do trato com o cativo, mas do que se pôde dizer sobre tal tema, pela letra da lei, pela observação rápida ou mais detida de um estrangeiro, pela regulação moral e espiritual, pelas lentes especializadas de doutos e ilustrados.

Documentos de natureza diversa, as missivas administrativas, os manuais religiosos e de agricultura, os tratados de medicina, as pinturas e os relatos de viagem elencados na presente pesquisa compartilham, como elemento central em suas reflexões ou como mais um elemento que mereceu ser registrado, uma preocupação comum: a forma como o escravo se apresentava, relacionava-se e participava da sociedade de então. A unidade, portanto, do *corpus* documental, ampara-se em uma temática, não em um gênero de escrito. Com isso, é importante dizer, não se afirma que as particularidades espaciais e temporais ou as disparidades na motivação da escrita desses papéis sejam irrelevantes, mas, antes, que as recorrências e constâncias em suas vozes, os lugares-comuns partilhados, dizem mais sobre o que se esperava no trato com os cativos. Num período em que a originalidade não constituía um valor e a repetição de um argumento

⁴⁸ BERT, Jean-François, Lire ce que Marcel Mauss a lu: Enquête sur les “Techniques du corps” et la théorie de l’instinct, *Le Portique*. Vol. 17, 2006, mis en ligne le 15 décembre 2008. Disponível em: <<http://leportique.revues.org/index782.html>>. Acesso em: 10 out. 2012.

⁴⁹ Cf. DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995, p. 42.

⁵⁰ Sobre a utilização do termo “preto”, ver, especialmente, TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal: uma presença silenciosa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988, p. 76-82.

⁵¹ Sobre essa discussão ver, também, FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. *Três vezes Zumbi. A construção de um herói brasileiro*. São Paulo: Três estrelas, 2012, p. 39-40.

ou tópica garantia ares de verdade ao que se propunha dizer,⁵² ver-se-á reproduções em coro de algumas descrições e mesmo a projeção de uma impressão localizada extensiva a todo o território colonial.

Feitas tais ressalvas, passemos ao que o leitor encontrará adiante. Antonil, na aurora do século XVIII, afirma que, “no Brasil, costumam dizer que para o escravo são necessários três PPP, a saber, pau, pão e pano”.⁵³ Este trabalho segue tal roteiro: o primeiro capítulo é dedicado ao “pano” que cobria os corpos dos escravos, tratamos, de saída, de dois extremos recorrentes quando o assunto é o trajar: os excessos e o desleixo. As narrativas sobre corpos nus e parcamente vestidos são confrontadas com notas sobre escravos ricamente adornados, dando as cores das roupas e dos juízos morais tecidos sobre cada uma dessas práticas pelos senhores. A partir de um significativo contingente de cartas administrativas e mesmo de normas oficiais sobre o ato de cobrir as vergonhas, vê-se que a questão do “pano” adequado aos escravizados configurou-se como uma preocupação partilhada no período. Além do destaque para o uso das vestimentas como elemento de distinção social, como mecanismo de salvação – ou condenação – das almas e como forma de cumprimento das obrigações senhoriais, também serão vislumbrados outros aspectos do trato relacionados aos panos, aos corpos e ao ambiente onde esses elementos interagem. Aí, detalhar-se-ão as condições de saúde dos escravos, notadamente as doenças relacionadas, ocasionadas ou potencializadas pela exposição de seus corpos a toda sorte de imundices. Complementarmente, serão abordadas algumas das inscrições presentes em suas peles, de distinção ainda em África ou produzidas ao longo do comércio de seus corpos.

A segunda parte descreve o uso do “pau”, ou, dito de outro modo, as formas físicas de controle e punição dos escravos. Sem esquecer que era parte do aceitável – e esperado – ter o domínio do corpo do cativo, as justificações para os castigos corporais, tanto religiosas quanto legislativas, são apresentadas e postas em diálogo com alguns casos onde os limites morais e legalmente impostos foram ultrapassados. A aplicação de correções sobre o corpo dos cativos era possibilitada e, inclusive, defendida, nos mais diversos círculos coloniais; entretanto, uma linha entre o justo e o desgoverno estava posta e constantemente fora sublinhada por padres e ordens religiosas, fazendeiros e pelo próprio rei. A quase personificação da punição corporal, o feitor – e não a polícia –, será brevemente apresentada, indicando alguns dos regulamentos a que deveria obedecer no exercício de sua função. Esses esforços em delimitar uma fronteira entre a correção e o

⁵² FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. *Três vezes Zumbi*, p. 55.

⁵³ ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*, p. 91.

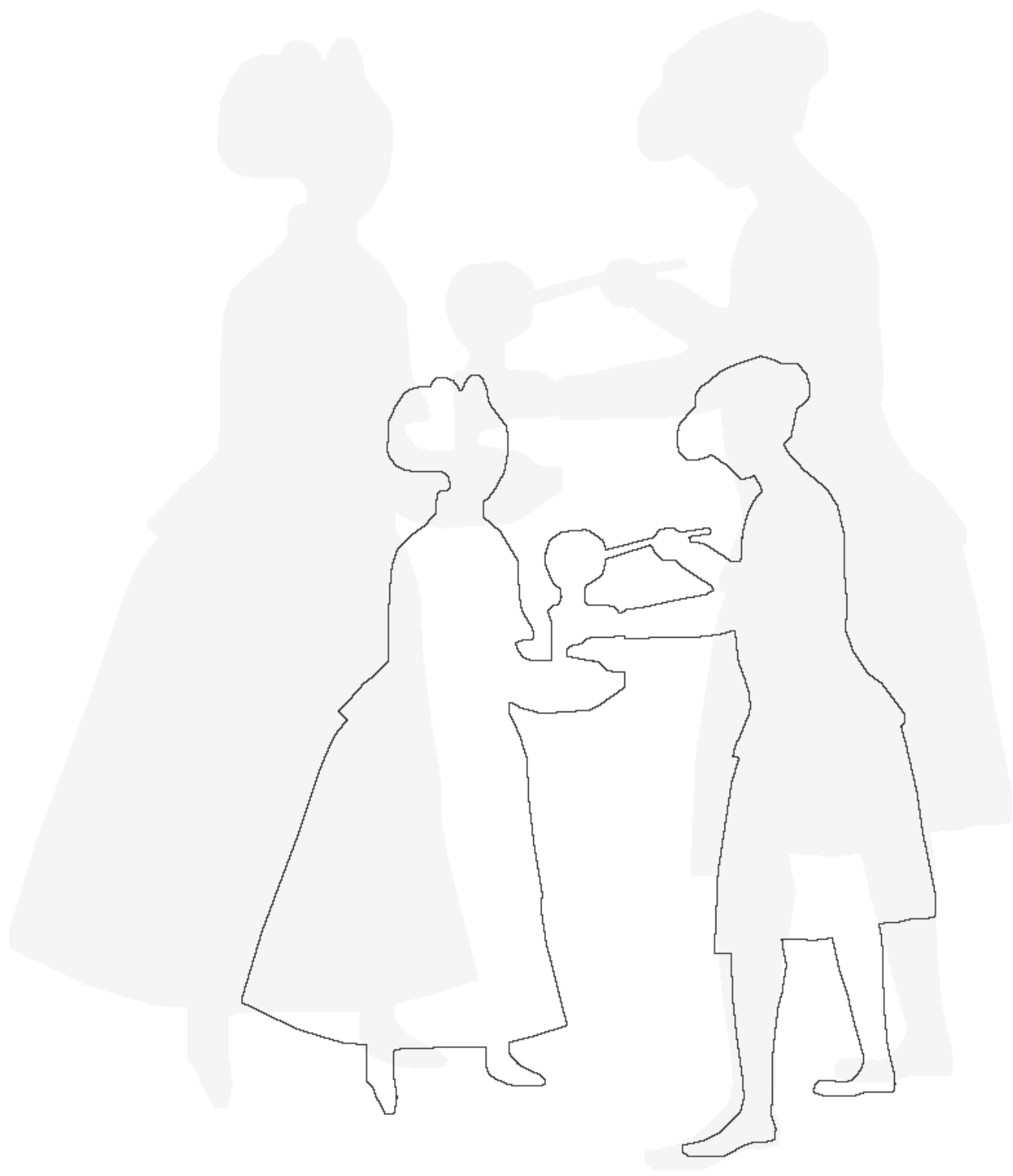
desgoverno, como se pode verificar pela quantidade expressiva de relatos de crueldade, foram constantemente malsucedidos. Nesse sentido, os testemunhos e registros sobre os maus tratos e abusos na aplicação das penas que envolviam a chibata e o tronco são apresentados e desdobrados, com o intuito de pôr em paralelo as primeiras prescrições sobre a prática dada como correta do castigo físico e os relatos de brutalidade. Depois, lança-se alguma luz sobre as fugas dos escravos, relatadas com grande frequência pelas missivas administrativas, e a relação feita por aqueles homens entre a prática desmedida da punição física e a evasão das fazendas e casas. Mapeia-se, no final desta parte, as ponderações sobre as fugas e a formação de quilombos nas regiões costeiras, interioranas e de minas, relacionando a tensão entre violência e busca de uma “outra” vida pelo escravo, ainda que na penúria do esconderijo.

Completando a máxima de Antonil, o último capítulo aborda as práticas alimentares, o “pão”, que, de saída, era elencado como obrigação primeira do senhor de escravos. Caso não pudesse dar a ração adequada, aconselham diversas personagens daqueles tempos, não se deveria sequer ter cogitado manter alguém sob sua custódia. Fala-se da recorrência da subalimentação dos escravos e das ditas “alternativas” para que o sustento mal provido fosse emendado, nomeadamente através do cultivo pelos próprios escravos de determinados lotes de terra ou da venda de alguns produtos, especialmente nas cidades, pelos escravos de ganho. Fala-se, também, do que, em suma, esses corpos poderiam ser nutridos – Carnes? Peixes? Legumes da terra? Frutas tropicais? –, com atenção especial a um gênero nativo, uma raiz, que obteve sucesso e notoriedade entre cativos e livres. E do que consumiam, mas que não lhes nutriam, que causavam ou alargavam as chances de adoecer ao invés de animar e, complementarmente, que tipo de comida poderia obrar em prol da saúde daquela população. Nesse período, em que a saúde “do corpo” estava estritamente ligada à “saúde da alma”, o alimento para o corpo escravizado, indicado pelos muitos religiosos que se dedicaram a tal empreita, será apresentado ao leitor.

Por fim, após esmiuçar os três grandes elementos relacionados ao sustento dos escravos, observados e balizados pelas opiniões e prescrições de múltiplas vozes, e considerando que as notas sobre o trato eram direcionadas, direta ou indiretamente, aos possuidores de almas, indaga-se: é possível, entre tantas determinações e indicações, deprender um perfil ideal para o senhor justo no governo de seus escravos?

Considerações finais

Um justo senhor



Ao nos debruçarmos sobre as muitas notas referentes aos corpos dos escravos, sejam as que trataram dos excessos ou do desleixo em seu vestir, sejam as indicativas dos castigos físicos – necessários ou excessivos –, sejam, ainda, as que davam notícias do que havia ou faltava em suas cuias e panelas, somos apresentados, também e sobretudo, aos comportamentos que os senhores deveriam ter em relação a tais aspectos. É o que se vê, por exemplo, nos juízos e diretrizes dados pelo autor do *Compêndio narrativo do peregrino da América*, Nuno Marques Pereira, que não hesita em afirmar ser um dever dos “pais de famílias cuidar muito na boa educação de seus filhos e escravos, dando-lhes o sustento e o necessário para se vestirem, além da boa doutrina, e obrando o contrário, pecam mortalmente neste preceito”.¹ Antes dele, Jorge Benci já sublinhava que os senhores deveriam, especialmente na doença, tratar os servos e servas com “cuidado e desvelo”, um aprendizado, ele diz, pautado na “misericórdia e compaixão”.² O padre advertia, ainda, que não deixaria “de dizer aos senhores do Brasil, que bem podiam aprender dos antigos Romanos a não serem tão escassos nas rações que dão aos servos, como o não são nas distribuições das tarefas”.³

A gravidade legal da falta de governo ou do pecado cometido por um sustento mal observado e as virtudes cristãs exercitadas pelos que proviam o adequado trato aos escravos são, portanto, entrevistas sempre que observamos as recomendações sobre o acesso àquele pão, num sentido mais amplo. Ao mirar os grossos tecidos de algodão ou as rendas nas escravas, veem-se os senhores que cobriam ou despiam aqueles corpos; olhando os castigos infligidos contra cativos ditos malcomportados, não é possível desviar a atenção das ordens dadas por senhores e feitores sobre como e quais penas seriam impostas; nos momentos de dor e doença, observa-se ainda, nesses textos, que medidas deveria tomar o possuidor de escravos para dar-lhes algum alento; ao presenciar, por fim, a partilha da mandioca, das carnes e dos legumes, somos apresentados aos gêneros que, em geral, eram postos à mesa por senhores ou seus encarregados. André João Antonil, recorrendo uma vez mais a Aristóteles, lembrava aos senhores que “o sustento é o jornal dos escravos” e, por isso, “não dar o sustento aos escravos tanto monta como não pagar o jornal aos que trabalham, que é o quarto dos pecados que clamam ao

¹ PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do peregrino da América, em que se tratam vários discursos espirituais e morais* [...]. Lisboa: Na Off. De Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 182.

² BENCI, Jorge. *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977, p. 78.

³ *Ibidem*, p. 63.

Céu vingança, que por isso com maior severidade os castiga Deus nesta e na outra vida”.⁴ Em todo momento, ao refletirmos sobre as condutas e recomendações para os cativos, o que se percebe é a figura do senhor, que bem ou mal governava as senzalas.

Algumas das ações dos escravos em relação ao cativo, especialmente em relação às fugas, foram diversas vezes, como exposto, tomadas como uma resposta ao maltrato dos senhores, ou seja, como consequência do desvio do justo e necessário. As notícias de penas corporais demasiado duras são descritas com reprovação e julgamento, quer dizer, embora o uso da força física fosse previsto e aceito como parte do controle da escravaria, não seria natural ou bem visto que tal recurso fosse usado em excesso. José Joaquim da Cunha Coutinho (1747-1821), bispo que se dedicou a analisar – e a defender, desde que observados diversos princípios, dentre os quais o sustento adequado – a justiça do comércio de escravos, reiterava que “alguns senhores mais por ambição e força de gênio, do que por justiça, castigam os seus escravos com rigor e crueldade, muito acima dos seus delitos e dão por isso ocasião a que eles ou adoeçam, ou fujam para os matos”.⁵ Luís dos Santos Vilhena, de forma análoga, sintetiza ser “a falta de governo econômico dos senhores a causa primária donde provêm todos estes males, não só aos escravos, como aos mesmos senhores que em breve tempo os perdem, consumidos de trabalho, fome e açoites”.⁶ Descrevendo esse tipo de comportamento, endossa as críticas aos senhores:

[...] algum destes miseráveis lhe furtara alguma coisa, ele o manda atar a um carro, e ali preso lhe manda dar com chicote de três pernas, ou duas, feito de couro cru torcido, pelo menos duzentos açoites sobre as nádegas, que por boa conta, são quatro, ou seiscentos açoites. Se aqueles sangram bem, lhos mandam lavar com sal e vinagre para evitar gangrena e alguns lhe misturam pimentas malaguetas por ser contra a corrupção; e se ficam algumas tumescências lhes mandam retalhar e em cima lhe dão a tal lavagem; eu duvido que os mouros sejam assim cruéis com os seus escravos.⁷

A indicação e transposição de limites entre o temor, a obediência e a crueldade são recorrentes nos escritos aqui abordados. No entanto, não nos dedicamos a contar as formas pelas quais os escravizados resistiram ou se rebelaram contra a condição de cativos, mas, antes, a mostrar como, dentro da premissa do castigo como útil e necessário

⁴ ROCHA, Manuel Ribeiro. *Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado*. (Edição crítica de 1758). Edição de Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 2015, p. 129.

⁵ COUTINHO, José Joaquim da Cunha de Azeredo. *Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da Costa da Africa* [...]. Lisboa: Na nova officina de João Rodrigues Neves, 1808, p. 80-81.

⁶ VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII* p. 189.

⁷ *Ibidem*, 185-186.

ao bom governo de escravos, os senhores praticaram ou não as correções físicas, o pau, e em que balizas morais e legais as críticas a essas práticas estavam pautadas. Interessou-nos menos pensar nos instrumentos de punição e a organização das fugas, suicídios e quilombos que nas indicações sobre como essas ações e lugares se mostravam desvinates da norma. A narrativa aqui traçada é, sem dúvida, de senhores para senhores, portanto, a fuga não aparece senão quando justificada pelo desgoverno praticado por muitos. Foi seguindo esse mesmo norte que as considerações sobre a alimentação e as vestimentas tomaram corpo nas linhas aqui apresentadas.

Ao longo do período abordado por este estudo, vê-se que, paulatinamente, o entendimento de um bom e adequado trato, caracterizado essencialmente pelo benefício das almas de cativos e senhores, perde a proeminência, passando a concorrer, então, com outras justificações. Não que as sementes lançadas por religiosos e outros homens de letras sobre a boa condução dos cativos tivessem sido dissipadas, ou que aspectos morais tenham deixado de contar na boa administração: além deles, o que passa a ser destacado são questões relativas à produção – e também ao Estado –, ou seja, em um benefício mais comezinho e terreno. Nas décadas finais do Setecentos, homens como Baltazar da Silva Lisboa (1761-1840), naturalista e historiador baiano, lembravam que além de considerarem os “deveres que os impeliam a religião”, os possuidores de escravos eram incitados a prover um bom trato, ou, como ele diz, uma “conveniente conservação” dos negros, através de “uma boa moral e prudente economia”, cuja consequência seria o trabalho “com gosto para melhor aproveitamento e comodidade dos seus senhores”.⁸

Palavras como “humanidade” passam a ser cada vez mais evocadas para definir o sustento ideal da escravaria, uma humanidade delimitada pelas obrigações do trato e inspirada pela prosperidade das plantações. O mesmo Baltazar da Silva Lisboa asseverou que “uma melhor educação e trato dos servos pode prosperar a agricultura do Brasil, e deve formar mui interessantes capítulos das leis morais e econômicas, pelas quais se produziriam necessariamente maravilhosas consequências”.⁹ É também nesse sentido que, alguns anos depois, o baiano Luís Antônio de Oliveira Mendes, naquela obra especialmente dedicada a tratar das condições e desdobramentos do tráfico de almas entre a África e o Brasil (1793), bem resume os pressupostos do adequado manejo dos escravos:

⁸ LISBOA, Baltazar da Silva. *Discurso histórico, político, e econômico dos progressos, e estado atual da filosofia natural portuguesa, acompanhado de algumas reflexões sobre o estado do Brasil*. Lisboa: Na Oficina de Antônio Gomes, 1786, p. 55.

⁹ *Ibidem*, p. 52.

Que os proprietários de engenhos, lavradores de canas e de tabaco, e em geral que todo e qualquer agricultor, desempenhando os ofícios de humanidade para com seus semelhantes, até mesmo para que Deus os prospere, devem por um princípio irrefragável da felicidade da agricultura e por um dos meios do seu desempenho, tratar muito melhor da escravatura do que hoje tratam, a qual lhe vem a ser tão precisa, dilatando a economia pelo afastamento dos tiraníssimos castigos, com que a maltratam, dando-lhe o vestuário e o sustento necessário, nunca, porém, furtando-lhe o natural alimento, assinando-lhe quando muito na semana um dia para este fim.¹⁰

Se isso tudo fosse observado, quer dizer, “se a escravatura fosse hospedada e recebida em sobrado”, e, além disso, “se a toda ela se desse o vestuário preciso, se lhe fosse dada, além da necessária, e sadia comida, bom peixe fresco; a carne de que tanto abunda aquele país, e tudo o mais que lhe fosse necessário, e competente”, ele julgava, “despendendo-se este bom trato com infalibilidade, pouca ou nenhuma escravaria viria a falecer das suas ordinárias doenças”.¹¹

Diante dessas indicações, cabe questionarmos algumas ideias cristalizadas pela historiografia, como a de que teria havido completa negligência dos senhores em relação aos corpos dos escravos – sua alimentação, sua saúde, suas roupas –, ou a de que todos os senhores andavam com chicotes empunhados, ou, ainda, as que indicam, de um lado, total dependência, e de outro, total autonomia dos cativos em relação a seus possuidores. Nem todos foram torturados, nem todos foram mantidos à míngua. O escravo, uma mercadoria, tinha valor – que oscilou nos séculos abordados, é verdade –, configurava um investimento e que deveria ser mantido; o escravo, um servo, deveria ser cuidado e instruído dentro de balizas cristãs; o senhor, responsável pela fazenda ou o pequeno comércio, não dispndia recursos ao léu; ao senhor, legal e moralmente encarregado pelo escravo, cabia mantê-lo vivo com alguma decência.

A história que se tentou contar nesta pesquisa, pois, apresenta nuances que não recomendam que enquadremos todos os escravos como dóceis e resignados, tampouco como verdadeiros exércitos de um homem só, rebeldes, ou, por essência, resistentes ao cativo; não permite, ainda, dizer que a totalidade dos senhores dispensava mais pão e

¹⁰ MENDES, Luís Antônio de Oliveira. Discurso preliminar, histórico, introdutivo com natureza de descrição econômica da comarca e cidade de Salvador que em si compreende o paralelo da agricultura, da navegação, e do comércio antigo e moderno, e atual daquela dita comarca e cidade, por ser esta a mais antiga, a mais fecunda e a mais rica de todas as outras do ultramar, pelos muitos gêneros, com que ela com abundância socorre a exportação. (1ª edição – 1790). In: AGUIAR, Pinto de. *Aspectos da Economia Colonial*. Salvador: Progresso, 1957, p. 30-31.

¹¹ MENDES, Luís Antonio de Oliveira. Discurso academico ao programa. In: *MEMÓRIAS Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa* [...]. Lisboa: Typografia da mesma academia, 1812, tomo IV, p. 408.

pano que pau aos que mantinha, tampouco que castigos físicos eram exceções no tratamento a eles dispensado. Tendo em conta a autonomia de que gozava o senhor em sua casa, o que se procurou fazer foi indicar as principais diferenças de trato no tempo e no espaço, sempre norteados pelas correntes indicações do que era ou não desejável, justo, cristão e legal.

Ainda que seja possível questionar o alcance de obras como as de Rocha ou Benci – a de Antonil, como destacado, fora recolhida nos anos aqui observados –, de histórias como as de Rocha Pita ou Nuno Marques, de missivas portadoras de ordens e regulamentos régios, ou de informações cotidianas, como as de Vilhena, fato é que diversas personagens e agentes procuraram descrever, melhorar, regular e moralizar o tratamento de escravos no período circunscrito neste estudo. Cumpre dizer, especificamente sobre os textos com caráter mais normativo, que esses não foram tomados em contraponto às possíveis práticas derivadas de sua observação, ou seja, não se ambicionou, aqui, confrontar as prescrições sobre o tratamento dos escravos ao que de fato teria sido feito de seus corpos, uma tarefa, aliás, irrealizável. Os juízos de observadores, como os diversos viajantes e moralistas que estiveram por essas plagas, não foram, do mesmo modo, tomados como um retrato mais verdadeiro que as prédicas e leis relacionadas ao sustento dos cativos, antes como uma peça de composição do quadro multifacetado de perspectivas que a época produziu sobre o tratamento dispensado ao escravo. A proposta, em outra via, foi a de entender como e quais regras foram criadas, quais tipos de transgressão a tais códigos foram denunciados, quais indicações, ao fim e ao cabo, eram correntes quando o assunto era prover o sustento da escravaria. O que se pôde apurar, complementarmente, cotejando esses diversos textos, foram indícios de alguns desvios a essas regras, em geral condenados e alvos de emendas pelos coetâneos.

Ao descreverem castigos, panos e alimentos usufruídos ou direcionados aos escravos, os homens da colônia deixaram pistas sobre quais eram as melhores e mais acertadas ações para com os cativos ou, em síntese, que práticas permitiam qualificar de justo um senhor de escravos. Apesar, contudo, de se ter visado o que contribuía para que os senhores pudessem ser qualificados de “bons” nos limites daquela época ou de terem ou não seguido os conselhos e regras a eles direcionados, intentou-se perscrutar os meios pelos quais eles eram estimulados a agir com justiça em relação àqueles de quem tinham posse. Aqui, portanto, a questão de ser o cativo “bom” ou “mau” – brando,

cruel, paternal, violento, mais ou menos atroz que em outras paragens – não se coloca.¹² Tampouco, ao se indicar as prescrições para um trato adequado, pretendeu-se reafirmar a ideia de um “senhor benevolente”. A escravidão, uma forma de exploração que veio a ser condenada posteriormente, era, ao contrário, comumente defendida e endossada nos livros, cartas e leis esquadrihados nesta tese. Havia alguns pactos e regulamentos que lhe garantiram vida longa, entre os quais o sustento salta aos olhos como primordial. As críticas dos coevos, identificadas ao longo deste estudo, portanto, direcionam-se mormente ao maltrato, e não ao cativo.

A partir da síntese de André João Antonil, cujos elementos regularmente foram encontrados nos textos aqui apresentados, depuramos os três grandes componentes do sustento dos cativos durante o período colonial. “Três pês” que resumiram tanto o que o escravo deveria obter para manter-se sadio, disposto ao trabalho e moralmente enquadrado nos preceitos cristãos, quanto as obrigações e virtudes senhoriais indispensáveis para o cumprimento das leis divinas e dos homens, e em benefício de seu próprio erário. Valendo-nos uma vez mais do padre italiano, somos informados de que “o que pertence ao sustento, vestido e moderação do trabalho, claro está, que se lhes não deve negar”, simplesmente “porque a quem serve deve o senhor de justiça dar suficiente alimento, mezinhas na doença e modo com que decentemente se cubra e vista”. Prover tais elementos não seria facultativo, mas inerente ao “estado de servo”, a quem ele também não deveria permitir aparecer “quase nu pelas ruas”, além de “moderar o serviço de sorte que não seja superior às forças dos que trabalham, se quer que possam aturar”.¹³ Mirando, pois, nas descrições e prescrições sobre os corpos dos cativos, entrevê-se, em linhas nítidas, não somente escravos vestidos, nutridos e sãos – ou, ao contrário, corpos nus, descarnados e machucados –, mas o que se entendia como um senhor de escravos justo, cristão e afortunado.



¹² Discussão apresentada em detalhe por Sílvia Lara, especialmente no capítulo “Conversas com a bibliografia”. Cf. LARA, Sílvia Hunold. *Campos da violência: escravos e senhores da Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 97-113.

¹³ ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1982, p. 91-92.

Referências Bibliográficas



DOCUMENTOS

Documentos de arquivos (manuscritos e impressos)

Arquivo Histórico Ultramarino – Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”

CARTA da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda ao rei [D. Pedro III] [...]. Olinda: [s. n.], 30 de outubro de 1702. AHU_ACL_CU_015, Cx. 20, D. 1897.

CARTA de Diogo Cotrim de Sousa, ouvidor da Comarca do Rio das Velhas, para D. João V [...]. Vila Rica: [s. n.], 8 de junho de 1730. AHU_CU_011, Cx. 16, D. 1337.

CARTA de Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-geral de Minas, para D. José I [...]. Vila Rica: [s. n.], 17 de março de 1751. AHU_CU_011, Cx. 58, D. 4811.

CARTA de Luís da Cunha Menezes, governador de Minas Gerais, para a D. Maria I [...]. Vila Rica: [s. n.], 26 de abril de 1786. AHU_CU_011, Cx. 124, D. 9818.

CARTA de Martinho de Mendonça de Pina e Proença, governador das Minas, para D. João V [...]. Vila Rica: [s. n.], 22 de julho de 1736. AHU_CU_011, Cx. 32, D. 2557.

CARTA do [capitão comandante e intendente das minas dos Cariris Novos], Jerônimo Mendes da Paz, ao governador de Pernambuco, Luís José Correia e Sá [...]. Riacho das Crioulas: [s. n.], 11 de maio de 1753. AHU_ACL_CU_006, Cx. 6, D. 362.

CARTA do [governador da capitania de Pernambuco], D. Manoel Rolim de Moura, ao rei [D. João V] [...]. Pernambuco: [s. n.], 24 de julho de 1725. AHU_ACL_CU_015, Cx. 31, D. 2864.

CARTA do [governador da capitania de Pernambuco], D. Manoel Rolim de Moura, ao rei [D. João V] [...]. Recife: [s. n.], 24 de julho 1725. AHU_CU_015, Cx. 31, D. 2864.

CARTA do [governador da capitania de Pernambuco], Duarte Sodré Pereira Tibão, ao rei [D. João V] [...] Recife: [s. n.], 5 de julho de 1729. AHU_ACL_CU_015, Cx. 39, D. 3465.

CARTA do [governador da capitania de Pernambuco], Francisco de Castro de Moraes, ao rei [D. Pedro II] [...]. Recife: [s. n.], 8 de março de 1704. AHU_CU_015, Cx. 21, D. 1957.

CARTA do [governador da capitania de Pernambuco], Francisco de Castro de Moraes, ao rei [D. Pedro II] [...]. Recife: [s. n.], 24 de novembro de 1705. AHU_ACL_CU_015, Cx.22, D. 2004.

- CARTA do [governador da capitania de Pernambuco], Francisco de Castro de Moraes, ao rei [D. Pedro II] [...]. Recife: [s. n.], 8 de março de 1704. AHU_CU_015, Cx. 21, D. 1957.*
- CARTA do [governador de São Paulo e Minas, conde de Assumar], D. Pedro de Almeida e Portugal ao rei [D. João V] [...]. Vila do Carmo: [s. n.], 7 de junho de 1719. AHU_CU_011, Cx. 2, D. 96.*
- CARTA do [governador do Rio de Janeiro], D. Álvaro da Silveira e Albuquerque, ao rei [D. Pedro II] [...]. Rio de Janeiro: [s. n.], 11 de maio de 1703. AHU_CU_017, Cx. 7, D. 790.*
- CARTA do [governador e capitão general do Estado do Maranhão e Pará], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, para o rei [D. José] [...]. Pará, 16 de novembro de 1752. AHU_ACL_CU_013, Cx. 33, D. 3151.*
- CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], Luís da Cunha Meneses, à rainha [D. Maria I] [...]. Vila Boa, 15 de fevereiro de 1783. AHU_ACL_CU_008, Cx. 34, D. 2083.*
- CARTA do [governador e capitão general do Estado do Maranhão e Pará], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, para o rei [D. José] [...]. Pará, 16 de novembro de 1752. AHU_ACL_CU_013, Cx. 33, D. 3151.*
- CARTA do [provedor da Fazenda Real da Paraíba], Salvador Quaresma Dourado, ao rei [D. João V] [...]. Paraíba: [s. n.], 9 de julho de 1729. AHU_ACL_CU_014, Cx. 7, D. 597.*
- CARTA do Arcebispo D. Francisco de S. Jeronymo [...]. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1720. AHU_CU_017-01, Cx. 13, D. 2666.*
- CARTA do governador de Minas, José Antônio Freire de Andrade, informando o secretário de Estado [...]. Tejuco: [s. n.], 9 de janeiro de 1753. AHU_CU_011, Cx. 61, D. 5066.*
- CARTA do governador do Brasil Matias da Cunha para S. Magde., sobre a informação que se lhe pediu acerca do requerimento dos oficiais da Câmara da Bahia, em que pedem provisão em forma de lei, para que todos os moradores do Recôncavo plantem, cada um, 500 covas de mandioca por escravo que tiverem de serviço. Bahia: [s. n.], 9 de agosto de 1687 AHU_ACL_CU_017, Cx. 28, D. 3421_3422.*
- CARTA do governador do Rio de Janeiro [e Minas Gerais], Gomes Freire de Andrade, ao rei [D. João V] [...]. Rio de Janeiro: [s. n.], 8 de agosto de 1746. _ACL_CU_017, Cx. 39, D. 4056.*
- CARTA do governador do Rio de Janeiro [e Minas Gerais], Gomes Freire de Andrade, ao rei [D. João V] [...]. Vila Rica: [s. n.], 15 de junho de 1741. AHU_CU_017, Cx. 33, D. 3516.*

- CARTA do governador e capitão-general de Angola, Luís Martins de Sousa [Chichorro], ao rei [D. Afonso VI] [...]. São Paulo da Assunção [de Luanda]: [s. n.], 22 de janeiro de 1657. AHU_CU_001, Cx. 6, D. 686.*
- CARTA do governador e capitão-general do Estado do Maranhão e Pará, João de Abreu de Castelo Branco, para o rei [D. João V] [...]. Belém do Pará: [s. n.], 10 de setembro de 1738. AHU_ACL_CU_013, Cx. 21, D. 1983.*
- CARTA do governador e capitão-general do Estado do Maranhão, José da Serra, para o rei [D. João V] [...], Belém do Grão-Pará, 3 de agosto de 1734. AHU_ACL_CU_013, Cx. 16, D. 1516.*
- CARTA do ouvidor de Goiás, Manuel Antunes da Fonseca, ao rei [D. João V] [...], Vila Boa, 8 de junho de 1743. AHU_ACL_CU_008, Cx. 3, D. 222.*
- CARTA do ouvidor geral da Paraíba, Antonio Felipe Soares de Andrade e Brederode à rainha [D. Maria I] [...]. Paraíba: [s. n.], 17 de julho de 1792. AHU_ACL_CU_014, Cx. 31, D. 2267.*
- CARTA do ouvidor-geral da capitania de Pernambuco, Francisco Correia Pimentel, ao rei [D. João V], sobre a postura pela qual se proíbe que negros e negras vendam fazendas pelas ruas. [Anexos 7 documentos] Pernambuco, 29 de setembro de 1744. AHU_ACL_CU_015, Cx. 60, D. 5180.*
- CARTA dos oficiais da Câmara da Vila de Cuiabá à rainha [D. Maria I] [...]. Cuiabá: [s. n.], 26 de maio de 1778. AHU_ACL_CU_010, Cx. 19, D. 1199.*
- CARTA dos oficiais da Câmara de Olinda à rainha [D. Maria I] [...]. Olinda: [s. n.], 14 de maio de 1796. AHU_CU_015, Cx. 193, D. 13277.*
- CARTA dos oficiais da Câmara de Vila Real do Sabará, pedindo ao rei D. José I [...]. Vila Real do Sabará: [s. n.], 20 de novembro de 1754. AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 66, Doc.: 41*
- CARTA dos oficiais da Câmara de Vila Real, sobre as desordens causadas pelos negros fugitivos e outros vândalos [...]. Vila Real: [s. n.], 18 de julho de 1727. AHU_CU_011, Cx. 11, D. 937.*
- CARTA dos oficiais da Câmara do Recife ao rei [D. João V] [...]. Recife: [s. n.], 4 de abril de 1743. AHU_ACL_CU_015, Cx. 59, D. 5040.*
- CARTA dos oficiais da Câmara do Recife ao rei [D. José I] [...]. Recife: [s. n.], 23 de julho de 1763. AHU_CU_015, Cx. 100, D. 7793.*
- CARTA dos oficiais da Câmara do Recife ao rei [D. Pedro II] [...]. Recife: [s. n.], 9 de abril de 1704. AHU_ACL_CU_015, Cx. 21, d. 1967.*
- CARTA dos oficiais da Câmara do Rio de Janeiro ao Rei [D. João V] [...]. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1730. AHU_CU_017, Cx. 21, D. 2317.*

CERTIDÃO do escrivão da Câmara da vila de São Bartolomeu de Maragogipe Francisco Xavier da Costa Vilela atestando o registo dos alvarás que determinam a abolição da capitania de Minas Gerais e que os carcereiros encarreguem-se das despesas com os escravos presos. Bahia: [s. n.], 12 de julho de 1759. AHU_ACL_CU_005, Cx. 141, D. 10894.

CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. João V sobre o requerimento do ouvidor geral [...] Lisboa, 11 de fevereiro de 1711. AHU_ACL_CU_023, Cx. 1, D. 20.

CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. José [...]. Lisboa, 29 de outubro de 1764. AHU_CU_017, Cx. 73, D. 6642.

CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. Pedro II [...]. Lisboa: [s. n.], 18 de novembro de 1695. AHU_CU_001, Cx. 16, D. 1810.

CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. Pedro II [...]. Lisboa: [s. n.], 27 de novembro de 1694. AHU_CU_001, Cx. 16, D. 1789.

CONSULTA do Conselho Ultramarino sobre a carta dos oficiais da Câmara do Rio de Janeiro acerca da falta de escravos [...]. Lisboa, 3 de novembro de 1700. AHU_ACL_CU_017, Cx. 7, D. 727.

CONSULTA do Conselho Ultramarino, ao rei D. João V [...]. Lisboa, 8 de junho 1717. AHU_ACL_CU_014, Cx. 5, D. 360.

LIVRO de registo de cartas régias, provisões e outras ordens para a Bahia, do Conselho Ultramarino. 1º volume, f. 219v. AHU_CU_CARTAS DA BAHIA, Cod. 245.

OFÍCIO (1ª via) da Junta Governativa da capitania de Pernambuco ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, [João Rodrigues de Sá e Melo Meneses e Souto Maior] [...]. Recife: [s. n.], 14 de dezembro de 1801. AHU_CU_015, Cx. 230, D. 15543.

OFÍCIO (minuta) do governador e capitão-general da Bahia, D. Fernando José de Portugal ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Luís Pinto de Sousa comunicando a chegada dos embaixadores da parte de Daomé a Bahia. Bahia, 21 de outubro de 1795. AHU_ACL_CU_005, Cx. 199, D. 14399.

OFÍCIO do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general], João Pereira Caldas, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro [...]. Vila de Barcelos: [s. n.], 29 de julho de 1784. AHU_ACL_CU_020, Cx. 8, D. 329

OFÍCIO do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra e interinamente da Marinha e Ultramar], Luís Pinto de Sousa [Coutinho] [...]. Recife: [s. n.], 15 de setembro de 1795. AHU_CU_015, Cx. 190, D. 13117.

OFÍCIO do [governador da capitania de Pernambuco], D. Tomás José de Melo, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Rodrigo de Sousa Coutinho [...]. Recife: [s. n.], 17 de abril de 1798. AHU_CU_015, Cx. 201, D. 13760.

OFÍCIO do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro [...]. Recife: [s. n.], 3 de junho de 1780. AHU_CU_015, Cx. 136, D. 10183.

OFÍCIO do [governador da Paraíba], coronel Jerônimo José de Melo e Castro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro [...]. Paraíba: [s. n.], 28 de maio de 1787. AHU_CU_014, Cx. 30, D. 2178.

OFÍCIO do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro], José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro [...]. Pará: [s. n.], 15 de junho de 1780. AHU_ACL_CU_013, Cx. 86, D. 7003.

OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado [...]. Vila Bela: [s. n.], 10 de dezembro de 1769. AHU_ACL_CU_010, Cx. 14, D. 868.

OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro [...]. Vila Bela: [s. n.], 1º de janeiro de 1773. AHU_ACL_CU_010, Cx. 16, D. 1006.

OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro [...]. Vila Bela: [s. n.], 17 de fevereiro de 1777. AHU_ACL_CU_010, Cx. 19, D. 1156.

OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro [...]. Vila Boa: [s. n.], 10 de janeiro de 1778. AHU_ACL_CU_010, Cx. 19, D. 1184.

OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado [...]. Forte de Bragança: [s. n.], 5 de novembro de 1770.; AHU_ACL_CU_010, Cx. 15, D. 911.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro [...]. Vila Boa: [s. n.], janeiro de 1774. AHU_CU_008, Cx. 27, D. 1754.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], Luís da Cunha Menezes, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro [...]. Vila Boa: [s. n.], 12 de junho de 1781. AHU_CU_008, Cx. 32, D. 2015.

OFÍCIO do [vice-rei do Estado do Brasil], conde da Cunha, [D. Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de

Mendonça Furtado [...]. Rio de Janeiro: [s. n.], 9 de junho de 1764. AHU_ACL_CU_017, Cx. 71, D. 6544.

OFÍCIO do [vice-rei do Estado do Brasil], marquês de Lavradio, [D. Luís de Almeida Portugal Soares de Alarcão Eça e Melo Silva e Mascarenhas], ao [secretário de estado do Reino de Mercês], conde de Oeiras Sebastião José de Carvalho e Melo [...]. Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1770. AHU_CU_017, Cx. 89, D. 7811.

OFÍCIO do governador e capitão-general do Estado do Pará e Maranhão, Manuel Bernardo de Melo e Castro, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a importância das plantações de mandioca na capitania. Pará: [s. n.], 13 de outubro de 1760. AHU_CU_013, Cx. 47, D. 4298.

OFÍCIO do intendente-geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, a solicitar que se ordene aos governadores e capitães-generais dos portos de mar das colônias que mandem plantar grandes quantidades de mandioca, cuja farinha deverá ser exportada para os diferentes portos do Reino. Lisboa: [s. n.], 2 de novembro de 1800. AHU_CU_009, Cx. 113, D. 8816.

PARECER do Conselho Ultramarino ao rei D. João V sobre a conta que deu governador e capitão general da [capitania de São Paulo] [Luís de Mascarenhas] [...]. Lisboa: [s. n.], 27 de janeiro de 1746. AHU_ACL_CU_010, Cx. 3, D. 191.

PARECER do Conselho Ultramarino sobre carta do Bispo do Rio de Janeiro, D. Francisco de São Jerônimo [...]. Lisboa, 4 de setembro de 1703. AHU_ACL_CU_017-01, doc. 2665-2666.

PROVISÃO do Conselho Ultramarino. Lisboa, 6 de novembro de 1664. AHU_CU_001, Cód.92, fl.375v.

RELAÇÃO das despesas com tabaco, aguardente, praças e direitos a serem pagos na ilha do Príncipe e de que um navio negreiro necessita para ir à Costa da Mina traficar escravos. [S. l.: s. n., c. 1756]. AHU_CU_015, Cx. 82, D. 6867.

REPRESENTAÇÃO (cópia) da Câmara da Vila Real do Sabará, ao rei D. José I [...]. Vila Real do Sabará: [s. n.], 20 de novembro de 1754. AHU_CU_011, Cx. 66, D. 5528.

REPRESENTAÇÃO (cópia) da Câmara de Mariana, ao rei D. José I [...]. Mariana: [s. n.], 5 de maio de 1755. AHU-Minas Gerais, cx. 67, doc. 65; AHU_CU_011, Cx. 67, D. 5629.

REQUERIMENTO de Francisco Cipriano [...] [s. l.], 9 de abril de ant. 1802. AHU_CU_011, Cx. 162, D. 12170.

REQUERIMENTO de João Gonçalves da Silva ao rei [D. João V] [...]. [s. l.: s. n, 24 de maio de ant. 1730]. AHU_ACL_CU_006, Cx. 2, D. 109.

REQUERIMENTO de José Diogo de Gusmão à rainha [D. Maria I] [...] [s. l.], 14 de outubro ant. 1790. AHU_ACL_CU_017, Cx. 138, D. 10900.

REQUERIMENTO de Teodósio José de Noronha ao rei [D. João V] [...] [s. l.], (anterior a) 5 de fevereiro de 1746. AHU_ACL_CU_005, Cx. 84, D. 6906.

REQUERIMENTO do comerciante da praça do Rio de Janeiro, Manoel Gomes Cardoso, à rainha [D. Maria I] [...], Lisboa, 7 de agosto de [post.] 1779. AHU_ACL_CU_017, Cx. 110, D. 9172.

REQUERIMENTO do desembargador José Pereira ao rei [...]. Bahia. Anterior a 3 de julho 1751. AHU_ACL_CU_005, Cx. 107, D. 8368.

REQUERIMENTO do desembargador José Pereira ao rei [D. José] [...]. [Bahia: s. n., ant. a 3 de julho de 1751]. AHU_ACL_CU_005, Cx. 107, D. 8368.

REQUERIMENTO do sargento-mor de Milícias reformado, Gabriel Garcês e Gralha [...]. [s. l.: s. n., post. 1804]. AHU_ACL_CU_017, Cx. 223, D. 15315.

REQUERIMENTO do tenente coronel da Cavalaria de Sirinhaém, André da Costa Delgado, à rainha [D. Maria I] [...]. [s. l.: s.n, ant. 17 de junho de 1782]. AHU_ACL_CU_015, Cx. 145, D. 10605.

REQUERIMENTO solicitando a D. Maria I [...]. [s. l.: s. n, 1º de setembro de ant. 1778]. AHU_CU_011, Cx. 113, D. 8963.

SOBRE se navegar em frotas deste reino para o Brasil e daquelas partes para este reino. 19 de dezembro de 1643. AHU_Consultas mistas, Cod.16, fl.127v.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

MANUSCRITOS do Brasil, I ° Livro das Denúncias na Visitação do Santo Ofício, Bahia. ANTT, Livro 16, de 1591.

DESCRIÇÃO dos bens e rendimentos do colégio de Santo Antônio de Lisboa no Brasil, pelo Pe. Estevão Pereira. Coimbra: [s. n.], 23 de agosto de 1635. ANTT – Cartório dos Jesuítas, maço 13, n. 20, fl. 9.

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

CARTAS Régias, ANRJ, Cod. 952, vol. 9, fl. 376.

CARTA do Vice-Rei Conde de Resende ao Ouvidor Geral da Polícia João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira. 7 de setembro de 1790. ANRJ. Códice 70: Registro da Correspondência do Vice-rei com diversas Autoridades. vol. 14 fls. 6.

CARTA Régia de 31 de janeiro de 1701. Ordens Régias. ANRJ. Códice 942, vol. 12, fl. 80.

CARTAS Régias. ANRJ, Cod. 952, Vol. 23, fl. 16.

INSTRUÇÕES do Marquês do Lavradio ao seu sucessor como Vice-Rei. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Caixa 746, Fundo Vice Reinado.

POLÍCIA da Corte. ANRJ, Códice 403: Relação de presos feita pela polícia, 1810 – 1821. 2 vols.

RELATÓRIO do Vice-rei Luiz de Vasconcelos (1779-1790). ANRJ. Secretaria de Estado do Brasil, Códice 72, Fls. 26.

Arquivo Público Mineiro

ALMEIDA, Dom Lourenço de. *REGIMENTO* dos Cappens do Matto. 17 de dezembro de 1722. APM. SC. Códice 02, p. 108v-110.

APM, CMOP, cx. 12, doc. 62, avulsos.

BANDO de 11 de setembro de 1729. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, vol. 06, 1901.

BANDO de 27 de abril de 1722. APM. CMOP, código 06, fl. 33v.

BANDO pelo qual manda o Senhor General proibir aos escravos as armas, e irem às negras as lavras a vender comestíveis e bebidas. 1º de dezembro de 1720. APM, SC, Códice 07, Rolo 02, Gaveta G-3. fl. 37v.

CARTA da Câmara de Vila Rica ao rei, 15 de maio de 1730, em apoio ao livre comércio de ouro em pó em Minas Gerais. Registro de cartas da câmara a Sua Majestade, APM, CMOP, rolo 17, fls. 25-6. [microfilme]

CARTA de Assumar ao rei. 4 de outubro de 1719, APM, CMOP, vol. 4, fl. 234v.

CONSULTA do Conselho Ultramarino sobre a conta que dá Antônio da Fonseca Osório, Juiz de Fora da Vila do Ribeirão do Carmo, sobre as negras de tabuleiro no morro de Mata-cavalos, termo daquela vila. 13 de maio de 1733. APM. 23, doc. 53, filme 20.

CORRESPONDÊNCIA do Conde de Assumar ao Dr. Bernardo Pereira de Gusmão, ouvidor do Rio das Velhas. Vila Rica: [s. n.], 21 de novembro de 1719; APM. vol. 11, fls. 170-1.

EDITAL dos Oficiais do Senado da Câmara sobre a proibição da venda de tabuleiro pelas negras fora das vilas e arraiais com penas e condenação. / EDITAL dos Oficiais do Senado da Câmara sobre a proibição da travessia para venda de víveres da terra fora das quitandas. 07 de fevereiro de 1743. APM. CC. Cx. 120, Rolo 536 A, Doc. 20856.

ORDEM do Juiz, vereadores e procurador do Senado da Câmara para os moradores, vendeiros, negras de tabuleiro e marchantes de gado sobre posturas e as devidas penalidades por infração. APM. CC. Cx. 132, Rolo 540, Doc. 21097.

REGISTRO de resoluções, bandos, cartas patentes, provisões, patentes e sesmarias. APM, SC, cód. 7, 12v-13.

SILVEIRA, Dom Brás Balthasar da Silveira. *Regimento para os Capitães do mato.* 04 de fevereiro de 1715. APM. SC. Secretaria de Governo da Capitania. Códice 06. Folhas 046-046v.

Biblioteca Nacional de Portugal

LEIS. Biblioteca Nacional de Lisboa, Seção de Manuscritos e Reservados, Coleção Pombalina, Cod. 472, fls. 373-374v.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

CABO, Agostinho Joaquim do. *Memória sobre a mandioca ou pão do Brasil, circunstanciando nela o modo de o fabricarem e suas diversidades; e as diferentes bebidas que fazem do suco espremido da massa da tal mandioca [...].* Barcelos: [s. n.], 20 de fevereiro de 1788. BN. Manuscritos. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. 21,2,008.

CARTA ao governador Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão comunicando publicação de ordem de incremento da produção de mandioca naquela vila. 9 de março de 1766. BN. Manuscritos. I-30,22,002 n°001.

CARTA ao governador Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão tratando de ordem recebida para que fosse incrementada a produção de mandioca e proibida a saída de farinha da capitania. 16 de março de 1766. BN. Manuscritos. I-30,22,005 n°001.

CARTA ao governador-geral e capitão do Estado do Brasil. 20 de fevereiro de 1696. BN. Rio de Janeiro: Mss. 11-33, 23, 15 n. 4.

CARTA dos oficiais da Câmara de Taubaté ao governador Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão comunicando execução de ordem para providenciar agricultores que se encarregassem da plantação de mandioca. 06 de abril de 1766. BN. Manuscritos. I-30,22,018 n°006.

CARTAS régias e alvarás com determinações vindas de Portugal. BN, Col. Brasil em geral, Manuscritos II-31,01,018 n.10.

CASTRO, Martinho de Melo e. *Ofício a Fernando José de Portugal sobre a ordem de Sua Majestade a respeito do aprovisionamento dos navios da Coroa, com farinha de pau, por ser saudável e pela comodidade do preço e produção.* 5 de julho de 1788. BN. Manuscritos. I-33,28,034.

OFÍCIO ao governador da Bahia sobre o preço da farinha de mandioca. 1770-1781. BN. Manuscritos. I-31,27,029.

OFÍCIO ao governador e capitão general da Bahia sobre a impossibilidade de praticar a ordem que mandava plantar mandioca em Nazaré, pelo despotismo do capitão José Ramos de Sousa]. 20 de maio de 1788. BN. Manuscritos. II-33,20,015.

OFÍCIO do governador de Pernambuco a Fernando José de Portugal, expondo a situação da capitania devido à seca de 1791 e pedindo para carregar com farinha de pau, dois barcos que seguiam para a Bahia. Recife: [s. n.], 26 de março de 1792. BN. Manuscritos. II-32,33,017.

ORDEM Régia. Julho de 1800. BN, Manuscritos. II-32,25,015.

RIBEIRA, Manuel Pinto. Carta ao governador Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, apresentando casal de escravos de propriedade de João Tavares de Araújo e intercedendo por seu afastamento dos maus-tratos do dono. Sorocaba, 2 de novembro de 1766. BN, Manuscritos, I-30,16,007.

SMITH, Sidney. *Carta sobre tráfico e maus-tratos de escravos.* Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1808. BN, Manuscritos, I-33,29,40.

Outros fundos e arquivos

AGCRJ, código 40-3-79. Fls. 1-31.

AHCMM. Livro 462. Fls. 116v-117.

BANDO sobre a proibição de pessoas que vendem pelas ruas. Recife: [s. n.], 6 de novembro de 1749. Registro de Previsões 03/1 (1769-97). Arquivo Público Estadual de Pernambuco. fls 176v-177v.

Câmara de Olinda, 30 de dezembro de 1800. Diversos III, cód. III.

CARTA do rei de Portugal ao vice-rei do Estado do Brasil. 22 de agosto de 1719, Arquivo Público da Bahia, SC, Ordens Régias, vol 13, doc. 134.

Dom João, etc. Faço saber a vós provedor [...] 20 de abril de 1737. In: *LIVRO DE REGISTO de cartas régias, provisões e outras ordens para a Bahia, do Conselho Ultramarino*. 5º vol. Cod. 249, fl. 142v.

EL REY a D. João de Lancastre. Lisboa, 31 de janeiro de 1701. APB. Ord. Regia 6, n. 103.

EL REY ao Conselho da Índia. Lisboa, 30 de abril de 1606. BA. 51 – VIII – 48, fl. 88.

LIVRO de Vereação (1764-1784). 03 de julho de 1773. Câmara de Santo Antônio do Recife, fls 145v-146.

Provisão inclusa no Senado da Câmara aos mercadores de loja. Anexa a *CARTA do ouvidor-geral da capitania de Pernambuco, Francisco Correia Pimentel*, op. cit.

PROVISÃO régia de 13 de setembro de 1649. Disponível em: <<http://iuslusitaniae.fcsb.unl.pt/>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

REGISTRO de carta do Senado da Câmara desta vila escrita a El Rei Nosso Senhor sobre a mal fundada queixa, que se lhe fez sobre o provimento, digo, o procedimento desta Câmara. *Livro Primeiro da Vereação da Câmara de Recife. 1714 – 1738*. Arquivo da Câmara Municipal do Recife, fl. 111.

REGISTRO de um Edital que o Senado da Câmara mandou publicar para não venderem fazendas secas pelas ruas desta vila do Recife. Recife: [s. n.], 28 de novembro de 1759. *Livro Primeiro da Vereação da Câmara de Recife. 1714 – 1738*. Arquivo da Câmara Municipal do Recife, fl. 399v.

REGISTRO de uma carta que o Senado da Câmara desta Vila do Recife escreveu a Sua Majestade Fidelíssima sobre o que nela se declara. Recife, 19 de agosto de 1769. Registro de Cartas, Câmara do Recife, fl. 342v.

RELATÓRIO. Rio de Janeiro, 1763-1766. Arquivo Distrital de Braga. Coleção do Colégio de São Bento. cod. 135.

Documentos impressos

Cronistas, tratadistas, moralistas e outros letrados

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1618). Introdução de Capistrano de Abreu, Notas de Rodolpho Garcia, Rio de Janeiro, Oficina Industrial Gráfica, 1930.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e da gente do Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1980.

COUTINHO, José Joaquim da Cunha de Azeredo. *Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da Costa da Africa [...]*. Lisboa: Na nova officina de João Rodrigues Neves, 1808.

_____. Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal e suas colônias. In: _____. *Obras Econômicas de J. J. da Cunha de Azeredo Coutinho (1794-1808)*. Apresentação de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966,

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *História da província Santa Cruz e Tratado da Terra do Brasil (1583-1570)*. São Paulo: Obelisco, [1964]

LISBOA, Baltazar da Silva. *Discurso histórico, político, e econômico dos progressos, e estado atual da filosofia natural portuguesa, acompanhado de algumas reflexões sobre o estado do Brasil*. Lisboa: Na Oficina de Antônio Gomes, 1786.

PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do peregrino da América, em que se tratam vários discursos espirituais e morais [...]*. Lisboa: Na Off. De Antonio Vicente da Silva, 1760.

PITA, Sebastião da. *Historia da America Portuguesa [...]*. Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1730.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627)*. 6. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos/ Instituto Nacional do Livro, 1975.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil (1587)*. São Paulo: EDUSP/ Companhia Editorial Nacional, 1971.

VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Recopilação das cartas de Vilhena, em três volumes. Editora Itapuã, 1969.

_____. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em XX cartas.* [Ano de 1802] Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1921. 2v.

Documentação administrativa, legislativa e outros impressos

ALVARÁ em forma de lei. 3 de março de 1742. In: *DIPHCS*. São Paulo: Secretaria da Educação/ Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, s/d, v. XIV.

ALVARÁ expedido por D. João V ao governador do Rio de Janeiro em 3 de Outubro de 1758 apud FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro. Vl.4. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 93, vl.146. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1927.

CARTA de 14 de agosto de 1671, vol I, p. 106-107 apud HASEN, José Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. 2ª ed. São Paulo/Campinas: Ateliê Editorial/Editora da Unicamp, 2004, p. 181.

- CARTA de Sua Magestade escripta ao Senhor Governador Mathias da Cunha sobre os escravos, para nas devassas se conhecer do seu castigo. [Lisboa, 20 de março de 1688]. In: *DH*. 1651-1693. Provisões, patentes, alvarás, mandados. Rio de Janeiro: Typ. Arch. de Hist. Brasileira, 1936, v. 32.
- CARTA de Sua Majestade sôbre se castigar aos senhores que tratam aos seus escravos rigorosamente [Lisboa, 23 de março de 1688]. In: *DH*. Cartas régias 1681-1690. Portarias 1719-1720. Rio de Janeiro: Typ. Baptista de Souza, 1945, v. 68.
- CARTA do governador do Rio de Janeiro de 5 de julho de 1726. In: *DIPHCS*P. São Paulo: Secretaria da Educação/ Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1929, v. 50, p. 60-61.
- CARTAS do Senado a Sua Magestade 1699-1710*. Salvador: FGM, 19??, vol. V, p. 91.
- CARTAS régias de 20 de fevereiro de 1696. apud LARA, Silvia H. *Fragmentos setecentistas*. Escravidão, cultura e poder na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 96.
- CARTA do Marquês do Lavradio apud AMARAL, Brás. Os grandes mercados de escravos africanos. In: _____. *Fatos da vida do Brasil*. [Bahia]: Tip. Naval, 1941.
- CÓDICE Costa Matoso*: coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis. Organização de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Maria Verônica Campos. Sistema Estadual de Planejamento, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais. 1999, 2v.
- COLEÇÃO DAS LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL. 1864
<<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio>> Acessado em 31 março 2016.
- COELHO, José João Teixeira. Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 3, 1930.
- COLLEÇÃO Chronologica de Leis Extravagantes, Posteriores a Nova Compilação das Ordenações do Reino, Publicadas em 1603 : desde este anno ate o de 1761 conforme as collecções, [...]*. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade. vol. II, 1819.
- DOM JOSÉ por Graça de Deos Rei de Portugal [...] [Lisboa, 24 de janeiro de 1756]. In: *COLLECCÃO da legislação portuguesa [...]*. Lisboa: Typografia Maigrense, 1830, v. I, p. 411-412.
- EU O PRINCIPE REGENTE Faço saber aos que o presente Alvará virem [...] [Palácio do Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1808]. In: *COLLECCÃO da legislação portuguesa [...]* Lisboa: Typografia Maigrense, 1826, v. V, p. 608- 609; CLB, 1808.
- INDICE Geral das Leis, decretos, alvarás, portarias, provisões, etc que se acham copiados nos livros de Registro desta Alfândega da Cidade de Lisboa, 1217-1829*. Academia das Ciências de Lisboa. Ms. Az. 1255, fls. 92-93.

INFORMAÇÃO Geral da Capitania de Pernambuco. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 28, 1908 p. 456.

INVENTÁRIO de Domingos Fernandes da Cruz. In: *AUTOS da Devassa da Inconfidência Mineira (1789-1791)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Biblioteca Nacional, 1937, v. VI.

LEI e Pragmática (impressa) de d. João V, rei de Portugal - Proibindo o luxo no trajar, nos móveis, nas carruagens [...] proibindo o uso de armas às pessoas de baixa condição e o luto pelos falecidos. De vinte e cinco de maio de 1749. Museu Imperial. I-POB-24.05.1749-JV.P.d1-2.

MARINHA. Em 25 de agosto de 1829. In: *COLLECÇÃO das decisões do governo do Imperio do Brazil de 1829*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1877, p. 132. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/pdf/Legimp-L_131.pdf. Acesso em: 22 jan. 2017.

MELLO, José Antônio Gonsalves. Um regimento de feitor-mor de engenho, de 1663. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, n. 2, 1953, p. 80-81.

MENEZES, Rodrigo Cezar. Reg.º de hua Carta escripta ao V. Rey. São Paulo, 11 de novembro de 1721. In: *DIHCSP*. São Paulo: Typographia Aurora, 1896, vol. 20.

NOTÍCIA da 6ª prática e relação verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de São Paulo para as Minas do Cuiabá o Exmo Sr. Rodrigo César de Meneses. In: TAUNAY, Affonso de E. *História das Bandeiras paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1961, tomo III.

NOTÍCIA diária e individual das marchas [...]. In: *ANAIS da Biblioteca Nacional*. V. 108, 1988. Rio de Janeiro, 1992.

O Patriota, jornal literário, político, mercantil do Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan. 1813, pp. 58-61.

ORDENAÇÕES Filipinas. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985.

PARECER do Conselho Ultramarino de 12 de setembro de 1704. In: *DH*, v. 93, p. 158-159.

PARECER do Conselho Ultramarino de 18 de setembro de 1728. In: *DH*. Rio de Janeiro, 1951, v. 94, p. 28-30.

REGIMENTO de 1702. In: TAQUES, Pedro. *Notícias das minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania*. Introdução e notas de Afonso de E. Taunay. São Paulo: Martins Fontes, 1954, p. 190, artigo 5º.

REGIMENTO de uma carta que se escreveu por segunda via ao gov. do Rio de Janeiro Ayres de Saldanha de Albuquerque em 15 de março de 1724. In: *DOCUMENTOS*

interessantes para a história e costume de São Paulo. São Paulo: Typographia Aurora, 1896, v. XX.

REGIMENTO que há de guardar o feitor-mor de engenho para fazer bem sua obrigação e desenganar bem sua consciência [...]. In: MELLO, José Antônio Gonsalves. Um regimento de feitor-mor de engenho, de 1633. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, n. 2, 1953.

REGISTO da carta de Sua Magestade escripta ao Governador e Capitão General deste Estado, acerca de haver galés e forçados nesta Cidade. *DH*. vol. 32, 1936.

REGISTO da Carta de Sua Magestade sobre o encontrar a primeira ordem que havia mandado para que os Senhores não açoitassem seus escravos, com que de novo ordena se não entenda com os Senhores que castigarem os seus escravos. *DH*. 1651-1693. Provisões, patentes, alvarás, mandados. Vol. XXXII. Rio de Janeiro: Typ. Arch. De Hist. Brasileira, 1936.

REGISTO da lei que Sua Majestade manda se guarde neste Estado sobre a condução dos negros cativos de Angola. 7 de janeiro de 1684. *DH*, vol. 89, 1948, pp. 383-385.

REGISTRO do regimento que se fez para os capitães-mores, sargentos-mores e capitães-do-mato desta cidade e de toda a capitania (1733). *DIHCSP*. São Paulo: Escola Typographica Salesiana, 1901, v. XII.

RELATÓRIO de Pieter Moortamer à Câmara da Zelândia, 29 de junho de 1643. In: JADIN, Louis. *L'ancien Congo et l'Angola 1639-1655: d'après les archives romanes, portugaises, néerlandaises et espagnoles*. Bruxelles: Institut historique belge de Rome, 1975, t. I.

REPRESENTAÇÃO do Secretário das Minas ao Rei. 1732. APM. Cód. 35. apud FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio*. A interiorização da metrópole e do comércio nas minas setecentistas. São Paulo: Hucitec, 2006.

RESOLUÇÃO de 12 de setembro de 1704. In: *DH: Consultas do Conselho Ultramarino*. Rio de Janeiro, 1687-1710. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, v. 93.

RESOLUÇÃO real de 16 de novembro de 1709. In: *DH*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952, v. 95, p. 248.

RESOLUÇÕES do Conselho de Estado na Secção do Contencioso administrativo colligidas e explicadas por José Silvestre Ribeiro. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, v. 10, p. 87-88; *CARTAS e outras obras selectas do Marquez de Pombal*. Lisboa: Livraria Universal, 1861, v. 1-2.

Manuais de agricultura ou obras de naturalistas

BARROS, José Villela de. Memória ou exposição do methodo de plantar, e colher no Brasil a Mandioca, e fabricas a sua farinha, e dos mais productos, e usos desta raiz

com a aplicação do mesmo methodo de fabrico da farinha nas batatas. In: *HISTÓRIA e memórias da Academia Real das Sciências de Lisboa*. Lisboa: Na Typografia da mesma Academia, 1821, v. VI. 1821.

BETTENCOURT, José de Sá. *Memória sobre a plantação dos algodões, e sua exportação : sobre a decadencia da lavoura de mandiocas, no termo da Villa de Camamú, Comarca dos Ilhéos, Governo da Bahia...* Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1798.

CAMARA, Manuel Arruda da. *Memoria sobre a cultura dos algodoeiros, e sobre o methodo de o escolher, e ensacar etc [...]*. Lisboa: na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1799.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Diário de viagem philosophica pela capitania de S. José do Rio Negro, com informação do estudo presente, pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista, empregado na expedição philosophica do Estado. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. LI, p. 103, 1888..

FONSECA, Antonio Caetano da. *Manual do agricultor dos generos alimenticios, ou methodo da cultura mixta destes generos nas terras cansadas pelo systema vegeto-animal; modo de criar e tratar o gado; e um pequeno tratado de medicina domestica para os fazendeiros, seguido de uma exposição sobre a cultura do algodão herbáceo*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1863.

NAVARRO, José Gregório de Moraes. *Discurso sobre o melhoramento da economia rustica do Brazil, pela introdução do arado, refórma das fornhalhas, e conservação de suas mattas [...]*. Lisboa: Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

PISO, Guilherme. *História natural do Brasil ilustrada*. Tradução do Professor Alexandre Correia, seguida do texto original da biografia do autor e de comentários sobre a sua obra. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1948.

TAUNAY, Carlos Augusto. *Manual do agricultor brasileiro*. Organização de Rafael de Bivar Marquese. Coleção Retratos do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2011,

VANDELLI, Domingos. Memória sobre a agricultura deste reino e suas conquistas [...]. In: *MEMORIAS economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, 1789, t. I, p. 170.

VELOSO, José Mariano da Conceição. *O fazendeiro do Brazil criador*. Lisboa: Na Typographia Chalcographica, Typoplastica e Litteraria do Arco do Cego, 1801, t. I.

_____. *O fazendeiro do Brazil, cultivador*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799, t. III.

_____. *O fazendeiro do Brazil [...]*. Lisboa: Na Imprensa Regia, 1806, t. V.

WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda. *Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro*. Edição de Eduardo Silva. Rio de Janeiro/Brasília: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Senado Federal, 1985.

Relatórios e narrativas de viagem

A EMBAIXADA de Lorde Macartney. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

A INVASÃO francesa de 1711. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Outras visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1582-1808)*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

AMÉDÉE François Frézier. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.

ASHE, Thomas. *A commercial view, and a geographical sketch, of the Brazils [...]*. Londres: Allen & Co., 1812.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*. Tradução Eduardo de Lima Castro. Rio de Janeiro: MED/INL, 1961, 2v.

BARLEUS, Gaspar. *Casparis Barlaei Rerum per Octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mauritii, Nassoviae, &c. Comitis, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. sub Auriaco Ductoris, Historia*. Amstelodami: ex typographeio Ioannis Blaeu, 1647.

BURTON, Richard Francis. *Viagens aos Planaltos do Brasil (1868)*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1941.

CARLI, Dionigi de. *Relation Curieuse et nouvelle d'un Voyage de Congo*. Lyon: Thomas Amaulry, 1680.

CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul [1843]*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

CHARLES (ou Gabriel) Dellon. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015.

_____. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução e edição de Sérgio Milliet. 3 vols em 2 tomos. São Paulo, 1940, t.1.

- DIERICK Ruiters. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Outras visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1582-1808)*. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- DIOGINI de Carli. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. O impressionante relato de um capuchinho embarcado num navio negreiro. *História Viva* (São Paulo), v. 122, p. 14-19, 2013.
- FRANÇOIS Froger. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial*,
- FRANÇOIS Pyrard de Laval. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.
- FRIEDRICH Ludwig Langstedt. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- GEORGE Leonard Staunton. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1990.
- GUILLAUME François de Parscau. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Outras visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1582-1808)*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- GUILLOBEL, Joaquim Candido. *Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinhas de Guillobel*. Curitiba: Fingraf, 1978.
- JAMES Cook. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- JAMES Forbes. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- JAMES Hardy Vaux. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Outras visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1582-1808)*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

- JAMES Kingston Tuckey. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Outras visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1582-1808)*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013
- JOHN Byron. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- JONAS Finck. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- JOURNAL d'um Voyage. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- JUAN Aguirre. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Trad. de Luís da Câmara Cascudo. 2. ed. Recife: Secretaria da Ed. e Cultura do Governo do Estado de Pernambuco, 1978.
- L'ARC en Ciel. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- LE GENTIL la Barbinais. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro/ São Paulo: José Olympio/UNESP, 2012.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil (1555-1557)*. São Paulo: EDUSP/ Biblioteca Histórica Brasileira/ Martins Editora, 1972.
- LINDLEY, Thomas. *Narrativa de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1975.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von; SPIX, Johan Baptist von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Trad. Lúcia F. Lahmeyer. 3ª edição. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976, 3 v.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1980, p. 156.
- NICOLAS Louis de La Caille. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- NIEUHOF, Johan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. São Paulo: Martins, 1942.

- OS MISSIONÁRIOS do Duff. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- PIERRE Sonnerat. *Outras visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1582-1808)*. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- PUDSEY, Cuthbert. *Diário de uma estadia no Brasil (1629-1640)*. Petrópolis: Index, 2001.
- RENÉ Courte de La Blanchardière. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco: história, descrição, viagens, colonização, instituições*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1980.
- RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Edusp, 1972.
- RUITERS, Dierick. A Tocha da Navegação. Tradução de J. de Sousa Leitão. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, v. 269, p. 3-84, 1966.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo: e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*. São Paulo: Livraria Martins/ EDUSP, 1972.
- _____. *Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo*. Brasília: Senado Federal, 2002.
- _____. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1975.
- _____. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1975.
- _____. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1975.
- _____. *Viagem ao Espírito Santo a Rio Doce*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- _____. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo/ Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, 1974.
- SEIDLER, Carl. *Dez anos de Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1980.
- STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil (1547-1554)*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- TOLLENARE, Louis François de. *Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818*. Salvador: Progresso, 1956.

TSCHUDI, Johann Jakob von. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

VOYAGE autour du Monde de Francesco Carletti (1594-1606). Introdução e notas de Paolo Carile, tradução de Frédérique Verrier. Paris : Éditions Chandeigne, 1999.

WILLIAM Dampier. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*: antologia de textos (1591-1808). Rio de Janeiro/ São Paulo: José Olympio/UNESP, 2012.

Sermões e outras obras escritas por religiosos

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo; Itatiaia/Edusp, 1982.

BEM, Thomas Caetano do. *Memórias históricas chronologicas da sagrada religião dos clérigos regulares em Portugal*. Lisboa: na Régia Officina Typographica, 1792, 2v.

BENCI, Jorge. *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

CARTA ânua da Província do Brasil de 1581. Bahia, 01 de janeiro de 1582. apud BARBOSA, Maria de Fátima Medeiros. *As letras e a cruz: pedagogia da fé e estética religiosa na experiência missionária de José de Anchieta, S.I. (1534-1597)* Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2006.

COMPROMISSO da Misericórdia de Lisboa. Lisboa Ocidental: Oficina de Manoel Fernandes da Costa, 1739.

FONSECA, Manoel da. *Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesus da Província do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, s.d..

JABOATÃO, Antonio de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasílico, ou chronica dos frades menores da província do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiniano Gomes Ribeiro, 1858-1862.

PERIER, Alexandre. *Desengano dos peccadores, necessário a todo gênero de pessoas, utilissimo aos missionários, e aos pregadores desenganados, que só desejam a salvação das almas*. Roma: officina de Antônio Rofsis na via do seminário romano, 1724.

QUEIROZ, João de São José. *Visitas pastorais: memórias (1761 e 1762-1763)*. Rio de Janeiro: Melso, 1961.

ROCHA, Manuel Ribeiro. *Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado*. (Edição crítica de 1758). Edição de Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 2017.

ROSARIO, Antonio do. *Frutas do Brasil*. Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarchia consagrada à Santíssima Senhora do Rosário. Fac-símile da edição de 1702. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

TRIUNFO Eucharistico, exemplar da Christandade Lusitana em publica exaltação da Fé na solemne Trasladação do divinissimo Sacramento da Igreja da Senhora do Rosario, para hum novo Templo da Senhora do Pilar em Villa Rica, Corte da Capitania das Minas. Aos 24. de Mayo de 1733. Dedicado á soberana senhora Do Rosario pelos irmãos pretos da sua irmandade, e a instancia dos mesmos exposto á publica noticia Por Simam Ferreira Machado natural de Lisboa, e morador nas Minas. Lisboa Occidental: Na Officina da Musica, de baixo da protecção dos Patriarchas São Domingos, e São Francisco, 1734.

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia [...]*. São Paulo: Na Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853.

VIEIRA, Antonio. *Essencial*. Organização e introdução de Alfredo Bosi. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. *Obras escolhidas*. Lisboa: Sá da Costa, 1951, v. VII.

_____. Sermao vigésimo sétimo, com o Santíssimo Sacramento exposto. Pregado na Baía em data incerta. In: RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: EDUSP/ Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1995.

_____. *Sermões*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, v. X.

Tratados médicos ou cirúrgicos

ABREU, José Rodrigues de. *Luz de cirurgiões embarcadiços, que trata das doenças epidêmicas de que costumam enfermar todos os que embarcam para as partes ultramarinas*. [...]. Lisboa: na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1711.

AZEREDO, José Pinto de. *Ensaio sobre algumas enfermidades d'Angola [...]*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1799.

DAZILLE, Jean Barthélemy. *Observações sobre as enfermidades dos negros [...]*. Trad. Antônio José Vieira de Carvalho. Lisboa: Tipografia Arco do Cego, 1801.

ESTATUTOS da Universidade de Coimbra de 1772. In: *CURSOS das sciencias naturaes e philosophicas*. Coimbra: [s.l., s. d.], livro III.

FERREIRA, Luis Gomes. *Erário Mineral*. Organização de Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002, 2v.

- GOMES, Bernardino Antônio. Memória sobre as boubas. In: *MEMÓRIAS da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Na Typografia da mesma Academia, 1805, tomo IV.
- MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros mui necessario para os que vivem distantes de professores seis, oito dez, e mais legoas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilação dos remédios se fazem incuráveis, e a mais das vezes mortais*. Lisboa: Off Antonio Rodrigues Galhardo, 1770.
- MENDES, Luís Antonio de Oliveira. Discurso academico ao programa. In: *MEMÓRIAS Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa [...]*. Lisboa: Typografia da mesma academia, 1812, tomo IV.
- _____. Discurso preliminar, histórico, introdutivo com natureza de descrição econômica da comarca e cidade de Salvador que em si compreende o paralelo da agricultura, da navegação, e do comércio antigo e moderno, e atual daquela dita comarca e cidade, por ser esta a mais antiga, a mais fecunda e a mais rica de todas as outras do ultramar, pelos muitos gêneros, com que ela com abundância socorre a exportação. (1ª edição – 1790). In: AGUIAR, Pinto de. *Aspectos da Economia Colonial*. Salvador: Progresso, 1957.
- MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado [...]*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.
- _____. João Cardoso de. *Relação cirurgica e medica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica, ou mal de Loanda [...]*. Lisboa: Na Officina de Miguel Rodrigues, 1747.
- MORÃO, Simão Pinheiro. *Queixas repetidas em ecos dos arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitánias se observam tanto em dano das vidas de seus habitantes*. Leitura, explicação e nótulas do Dr. Jaime Walter. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.
- _____. *Trattado unico das bexigas, e sarampo*: oferecido a D. João de Sousa/ composto por Romaõ Mõsia Reinhipo. Lisboa: na Officina de Joaõ Galraõ, 1683.
- PIMENTA, Miguel Dias. Notícia do que é o achaque do bicho [...]. In: *MORÃO, Rosa & Pimenta: Notícias dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*. Introdução e estudos de Eustáquio Duarte. [Recife]: Arquivo Público Estadual de Pernambuco, 1956.
- ROSA, João Ferreira. *Tratado único da constituçam pestilencial de Pernambuco [...]*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal, 1694.
- SILVA, Manoel Vieira da. Reflexões sobre alguns dos meios propostos por mais conducentes para melhorar o clima da cidade do Rio de Janeiro. In: *A SAÚDE pública no Rio de Dom João*: textos. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2008.

ESTUDOS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Aspectos da geografia econômica do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960, tomo I – A época colonial, v. 2, p. 177-182.
- ABREU, Jean Luiz Neves. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das “luzes” e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 761-778, set. 2007.
- _____. Higiene e conservação da saúde no pensamento médico luso-brasileiro do século XVIII. *Asclepio*, Madrid, v. 62, n. 1, p. 225-250, 2010.
- _____. José Pinto de Azeredo e as Enfermidades de Angola. *Revista de História*, São Paulo, n. 166, jan./ jun. 2012.
- _____. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.
- ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1954.
- ABREU, Márcia. *Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos um estudo histórico-comparativo*. 1993. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1993, 2 v.
- _____. Em busca do leitor: estudo dos registros de leitura de censores. In: _____. SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2000.
- ABREU, Maurício; MARTINS, Luciana. Paradoxos da modernidade: O Rio de Janeiro no período Joanino 1808-1821. In: FERNANDES, Edesio; VALENÇA, Márcio Moraes (orgs.). *Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- AGUIAR, Pinto de. *Aspectos da economia colonial*. Salvador: Progresso, 1957.
- AKINWUMI, Ogundiran; SAUNDERS, Paula (eds.). *Materialities of Ritual in the Black Atlantic*. Bloomington: Indiana University Press, 2014.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador/ Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais/ Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALGRANTI, Leila Mezan. A arte de cozinha e as plantas do Brasil. Séculos XVI-XIX. In: KURY, Lorelai (org.). *Usos e circulação de plantas no Brasil: séculos XVI-XIX*. Rio de Janeiro: A. J. Estúdio, 2013.

- _____. À mesa com os paulistas: saberes e práticas culinárias (séculos XVI-XIX). In: *ANAIS do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.
- _____. Aguardente de cana e outras aguardentes: por uma história da produção e do consumo de licores na América portuguesa. In: VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo/ Belo Horizonte: Alameda Casa Editorial/ Editora PUCMinas, 2005, p. 90.
- _____. Alimentação e cultura material no Rio de Janeiro dos vice-reis: diversidade de fontes e possibilidades de abordagens. *Varia hist.*, v.32, n. 58, abr. 2016.
- _____. História e historiografia da alimentação no Brasil (séculos XVI-XIX). In: CAMPOS, Adriana Pereira (org.). *A cidade à prova do tempo: vida cotidiana e relações de poder nos ambientes urbanos*. Vitória/ Paris: GM Editora/ Université de Paris-Est, 2010.
- _____. História sócio-cultural do período colonial. In: ARRUDA, José Jobson; FONSECA, Luís Adão da. *Brasil-Portugal: história, agenda para o milênio*. Bauru/ Lisboa: EDUSC/FAPESP /ICCTI, 2001, p. 85-96.
- _____. *O feitor ausente*. Estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro (1808-1822). Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. Saberes culinários e a botica doméstica: beberagens, elixires e mezinhas no Império português. *Saeculum – Revista de História*, n. 27, jul./ dez. 2012,
- _____. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. I.
- ALMEIDA, Candido Mendes de. *Quinto Livro das Ordenações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1970.
- ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Homens Ricos, Homens Bons: produção e hierarquização social em Minas Colonial: 1750-1822*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.
- ALMEIDA, Eduardo de Castro e (org.). *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*. Rio de Janeiro: Off. Graph. Da Bibliotheca Nacional, 1913, documento 10907.
- ALVES FILHO, Ivan. *Memorial dos Palmares*. Rio de Janeiro: Xenon, 1988.
- AMARAL, Brás do. Notas e comentários feitos a quarta carta de L. Vilhena pelo professor Braz do Amaral. VILHENA, Luís dos Santos. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em XX cartas.[Ano de 1802]* Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1921. V.1.

- _____. Notas e comentários sobre a terceira carta de Luiz Vilhena pelo Professor Braz do Amaral. In: VILHENA, Luís dos Santos. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em XX cartas.*[Ano de 1802] Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1921. v.2.
- AMARAL, Ilídio do. *Nótulas históricas sobre os primeiros tempos da Academia das Ciências de Lisboa.* Lisboa: Edições Colibri, 2012.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil.* 2ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- ARAUJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial.* Salvador: Editus, 1999.
- AUFDERHEIDE, Patrícia Ann. *Order and Violence: Social Deviance and social control in Brazil. 1780–1840.* 1976. Tese de Doutorado, Universidade de Minnesota, 1976.
- AZZI, Riolando. A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo (primeira época, Período Colonial).* 5ª ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2008, p. 177.
- BARBOSA, Maria de Fátima Medeiros. *As letras e a cruz: pedagogia da fé e estética religiosa na experiência missionária de José de Anchieta, S.I. (1534-1597)* Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2006.
- BARRETO FILHO, Mello; LIMA, Hermeto. *História da polícia do Rio de Janeiro: aspectos da cidade e da vida carioca (1565-1831).* Rio de Janeiro: A Noite, 1939.
- BARRETO, Paulo Thedim. Casas de Câmara e Cadeia. In: REIS, José de Souza; BARRETO, Paulo Thedim. *Arquitetura Oficial I.* [São Paulo]: FAU-USP/ MEC-Iphan, 1978.
- BARROS, J. Teixeira de. Execuções capitães na Bahia, *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, Salvador, Imprensa Oficial do Estado, v. 43, p. 99-108, 1918.
- BARROS, Sigríd Porto de. A condição social e a indumentária feminina no Brasil colonial. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, n. VIII, 1947.
- BASSO, Rafaela. *A Cultura Alimentar Paulista: Uma Civilização do Milho? (1650-1750).* São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2014.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como Fazer Análise Diplomática e Análise Tipológica de Documento de Arquivo.* São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- _____. Identificação Diplomática dos documentos. In: _____. *Arquivos permanentes.* São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes.* São Paulo/ Salvador: Metalivros/ Odebrecht, 1994.

- BERT, Jean-François, Lire ce que Marcel Mauss a lu: Enquête sur les “Techniques du corps” et la théorie de l’instinct, *Le Portique*. Vol. 17, 2006, mis en ligne le 15 décembre 2008. Disponível em: <<http://leportique.revues.org/index782.html>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América Latina Colonial*. (Trad. Mary A. L. de Barros). São Paulo: Edusp, 1997, v. 2, p. 506.
- BLACKBURN, Robin. *A construção do escravismo no Novo Mundo, 1492-1800*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. A escravidão em imagens no Brasil oitocentista. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade Atlântica: Europa, Américas e África*. São Paulo/ Belo Horizonte: Annablume/ FAPEMIG, 2008.
- BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *A teia mercantil: negócios e poderes em São Paulo colonial (1711-1765)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.
- BOXER, Charles R. *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. A rare Luso-Brazilian medical treatise and its author: Luis Gomes Ferreira and his “Erario Mineral” of 1735 and 1755, *The Indiana University Bookman*, n. 10, p. 49-70, 1969.
- _____. Some remarks on the social and professional status of physicians and surgeons in the Iberian World. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, Lisboa, v. 138, n. 4-5, p. 287-306, 1974.
- _____. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional/ EDUSP, 1973.
- BRAGA, Paulo Drumond. Os Forçados das Galés: percursos de um grupo marginalizado. In: *CARLOS Alberto Ferreira de Almeida In Memoriam*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1999, v. I.
- CALDEIRA, Arlindo Manuel. *Escravos e traficantes no Império Português*. O comércio negreiro português no Atlântico durante os séculos XV a XIX. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013.
- CANGUILHEM, Georges. O problema da normalidade na história do pensamento biológico. In: _____. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CARDOZO, Manoel. Azeredo Coutinho e o fermento intelectual de sua época. In: EDWARDS, S. F.; KEITH, Henry H (orgs.). *Conflito e continuidade na sociedade brasileira*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

- CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos*. Estudos sobre o negro no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- _____. *O quilombo dos Palmares*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- CARVALHO FILHO, Luís Francisco. Impunidade no Brasil: Colônia e Império. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, n. 51, p.181-194, ago. 2014.
- CARVALHO, Augusto da Silva. A Prodígiosa Lagoa e seu autor. In: MIRANDA, João Cardoso de. *Prodígiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado [...]*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.
- CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In: VASCONCELOS, Bernardo Pereira de. *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. Organização e introdução de José Murilo de Carvalho. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo – Recife, 1822-1850*. Recife: Editora UFPE, 2001.
- CASCUCO, Luis da Câmara. *Prelúdio da cachaça*. São Paulo: Global Editora, 2006.
- _____. *História da alimentação no Brasil*. Segundo volume. Coleção Brasiliana, volume 323-A. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- CAVALCANTI, Nireu O. O comércio de escravos novos no Rio setecentista. In: FLORENTINO, Manolo. (org.). *Tráfico, cativo e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.
- _____. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CHADHURI, Kirti. O impacto da expansão portuguesa no oriente. In: BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti (dirs.). *História da expansão portuguesa: O Brasil na balança do império (1697-1808)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, v. III.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CIDADE, Hernani. *Padre Antonio Vieira*. Lisboa: Agencia Geral das Colonias/ Divisão de Publicações e Bibliotecas, 1940, vol. III.
- _____. *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*. 6a ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1975.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- COATES, Timothy. *Degredados e órfãos: colonização dirigida pela Coroa no império português. 1550-1750*. Lisboa: CNCDP, 1998; PIERONI, Geraldo. *Os excluídos do*

Reino: a Inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil Colônia. Brasília/ São Paulo: UnB/ Imprensa Oficial do Estado, 2000.

CONRAD, Robert E. *Tumbeiros: o tráfico de escravos para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Mário Júlio de Almeida. *História do direito português*. 3ª edição. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. Prefácio. In: JULIÃO, Carlos. *Riscos iluminados de figurinhos de brancos e negros dos uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960.

CURTO, Diogo Ramada. Do Reino à África: formas dos projetos coloniais para Angola em inícios do século XVII. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade Atlântica: Europa, Américas e África*. São Paulo/ Belo Horizonte: Annablume/ FAPEMIG, 2008.

CURTO, José C. *Álcool e Escravos: O comércio luso-brasileiro do álcool em Mpinda, Luanda e Benguela durante o tráfico atlântico de escravos (c. 1480-1830) e o seu impacto nas sociedades da África Central Ocidental*. Lisboa: Ed. Vulgata, 2002.

DANTAS, Mariana L. R. “Em benefício do bem comum”: esquadras de caçadores do mato nas Minas Setecentistas. In: LIBBY, Douglas C.; FURTADO, Junia F. (orgs.). *Trabalho livre, trabalho escravo: Brasil e Europa, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Annablume, 2006.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: LeYa, 2016, v. I.

_____.; VENANCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

DIAS, Maria Odila da Silva. Nas fímbrias da escravidão urbana: negras de tabuleiro e de ganho. *Estudos Econômicos*. São Paulo, IPE, v. 15, p. 89-109, número especial 1985.

DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império Português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. VIII, suplemento, p. 823-838, 2001.

DUERR, Hans Peter. *Nudité et pudeur: Le mythe du processus de civilization*. Paris: La Maison des Sciences de l’homme, 1998.

- EDLER, Flavio Coelho. *Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011, p. 29-30.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-reis, 1763-1808*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1932.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, v. I.
- EL-KAREH, Almir. *A vitória da feijoada*. Niterói: Editora da UFF, 2012.
- ENGEMANN, Carlos. Vida cativa: condições materiais de vida nos grandes planteis do sudeste brasileiro do século XIX. In: FRAGOSO, João et al. *Nas rotas do Império*. Vitória: EDUFES, 2006.
- ENNES, Ernesto. *As guerras nos Palmares. (Subsídios para a sua história)*. Vol. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- FARIAS, Clara de A. *Homens de negócio, companhias e comércio (Pernambuco, séc. XVIII)*. Saarbrücken: Núcleo de Edições Acadêmicas, 2016.
- FERRÃO, José E. Mendes. Transplantação de plantas de continentes para continentes no século XVI. In: *HISTÓRIA e desenvolvimento da ciência em Portugal*. Lisboa: Academia das Ciências, 1986, v. II.
- FERREIRA, Ricardo Alexandre. Polissemias da desigualdade no Livro V das Ordenações Filipinas: o escravo integrado. *História (São Paulo)*, Franca, v. 34, n. 2, Dez. 2015.
- FERREZ, Gilberto. *As cidades do Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII*. Álbum iconográfico comemorativo do bicentenário da transferência da sede do governo do Brasil. Rio de Janeiro: IHGB, 1963.
- FIGUEIRA, Pedro de Alcantara; MENDES, Claudinei M. M. Estudo preliminar. In: BENCI, Jorge. *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.
- FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *O avesso da memória: cotidiano de trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro/ Brasília: J. Olympio/ Edunb, 1993.
- FLEIUSS, Max. *História administrativa do Brasil*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1922.
- FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001.

- _____. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *A arqueologia do saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. *Vigiar e punir*. Nascimento das prisões. São Paulo: Vozes, 2015.
- FRAGOSO, João Luis Ribeiro; FLORENTINO, Manolo Garcia. *O Arcaísmo como Projeto em uma economia colonial tardia – mercado Atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, c.1790 – c.1840*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- _____. *Outras visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1582-1808)*. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- _____. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.
- _____.; FERREIRA, Ricardo Alexandre. Apresentação: um livro setecentista sobre escravidão. ROCHA, Manuel Ribeiro. *Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado*. (Edição crítica de 1758). Edição de Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 2017.
- _____. *Três vezes Zumbi*. A construção de um herói brasileiro. São Paulo: Três estrelas, 2012.
- FRANCO, Odair. *História da febre amarela no Brasil*. Rio de Janeiro: GB Brasil, 1969.
- FREITAS, Décio. *Palmares. A Guerra dos Escravos*. Porto Alegre: Movimento 1971.
- FREITAS, Octavio. *Doenças africanas no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935
- FREYRE, Gilberto. Aspectos de higiene pública e doméstica do Rio de Janeiro do meado do século XIX. *Revista Anhembi*, v. 3, fev 1951.
- _____. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48 ed. rev. São Paulo: Global, 2003.
- FRIEIRO, Eduardo. *Feijão, angu e couve: ensaio sobre a comida dos mineiros*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1966.
- FURTADO, Junia F. Tropical empiricism: making medical knowledge in colonial Brazil. In: DELBOURGO, James; DEW, James. *Science and Empire in the Atlantic World*. Londres: Taylor & Francis, 2008.

- _____. Arte e segredo: o licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. Organização de Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002, v.1.
- _____. Fidalgos e lacaios. In: _____. *Homens de negócio: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*. São Paulo: Hucitec, 1999, cap. 2.
- _____. *O livro da capa verde*. O Regimento Diamantino de 1771 e a vida no distrito Diamantino no período da Real Extração. São Paulo: Annablume, 1996.
- GOMES, Flávio dos Santos. *A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil, (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Ed. UNESP/Polis, 2015.
- _____. *Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico sul*. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. *Histórias de quilombolas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- _____. Mocambos e mapas nas minas: novas fontes para a história social dos quilombos no Brasil, *Textos de História*, Brasília, v. 2, n. 4, p. 26-57, 1994.
- _____. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. Práticas de alforria nas Américas: dois estudos de caso em perspectiva comparada. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira (orgs.). *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas*. São Paulo/ Belo Horizonte/ Vitória da Conquista: Annablume/ PPGH-UFGM/ UESB, 2008.
- GONZÁLEZ ARCE, Juan Damián. *Apariencia y poder*. Jaén: Universidad de Jaén, 1998.
- GORENDER, Jacob. *O Escravismo colonial*. São Paulo: Editora Ática, 1980.
- GOULART, Alipio. *Da fuga ao suicídio*. Aspectos da rebeldia escrava no Brasil. Rio de Janeiro: Conquista, 1972, p. 69-103.
- _____. *Da palmatória ao patíbulo, castigos de escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1971.
- _____. *Brasil do boi e do couro*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.
- GRAHAM, Richard. *Alimentar a cidade*. Das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860). São Paul: Companhia das Letras, 2010.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, quilombos e Palmares: Minas Gerais no século XVIII. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- HESPAÑA, Antonio Manuel. Da Iustitia à disciplina: textos, poder e política penal no Antigo Regime. In: _____. *Justiça e litigiosidade: história e perspectiva*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLLOWAY, Thomas. *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- HOMEM, Armando L. de Carvalho; MOTA, Maria E. Pereira da; DUARTE, Luís Miguel. Percursos na burocracia régia (séculos XIII-XV). In: BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada (orgs.). *A Memória da Nação*. Lisboa: Sá da Costa, 1991.
- HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-colônia (1550-1800)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- HUE, Sheila Moura. *Delícias do descobrimento: a gastronomia brasileira no século XVI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1805-1850)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.
- KIPLE, Kenneth F. *The African exchange: toward a biological history of black people*. Durham: Duke University Press, 1988; _____. *The Caribbean slave: a biological history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984; _____. KING, Virginia Himmelsteib. *Another dimension to the black diaspora: diet, disease, and racism*. New York: Cambridge University Press, 1981.
- KLEIN, Herbert S et al. Transoceanic Mortality: The Slave Trade in Comparative Perspective. *The William and Mary Quarterly*, v. 58, n. 1, 93-118, 2001.
- _____.; LUNA, Francisco Vidal. *Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*. São Paulo: Edusp, 2006.
- _____.; LUNA, Francisco Vidal. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2010.
- KODAMA, Kaori. Antiescravidão e epidemia: “O tráfico dos negros considerado como a causa da febre amarela”, de Mathieu François Maxime Audouard, e o Rio de Janeiro em 1850. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, n. 2, p. 515-522, abr.-jun. 2009.
- KOSERITZ, Carlos von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1980.
- KURY, Lorelai B.; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

- _____. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informação (1780-1810). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v. 11, suplemento 1, p. 109-129, 2004.
- _____. La politique des voyages et la culture scientifique d'Auguste de Saint-Hilaire. In: LAISSUS, Yves (éd.). *Les naturalistes français en Amérique du Sud (XVIe-XIXe siècles)*. Paris: CTHS, 1995.
- LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____.; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LARA, Silva Hunold. Da maior parte da gente: negros e na América Portuguesa Setecentista. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade Atlântica: Europa, Américas e África*. São Paulo/ Belo Horizonte: Annablume/ FAPEMIG, 2008.
- _____. Customs and costumes: Carlos Julião and the image of black slaves in late Eighteenth-century Brazil. In: WEIDEMANN, Thomas.; GARDNER, Jane. *Representing the body of the slave*. London/ Portland, OR: Frank Cass Publishers, 2002.
- _____. Sedas, panos e balangandãs: o traje de senhoras e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador (século XVIII). In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (org.) *Brasil: colonização e escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. *Campos da violência: escravos e senhores da Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. Do singular ao plural: Palmares, capitães-do-mato e o governo dos escravos. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. Introdução. In: _____ (org.). *Ordenações Filipinas: livro V*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Fragmentos Setecentistas*. Escravidão, cultura e poder na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. Legislação sobre escravos africanos na América portuguesa. In: ANDRÉS-GALLEGO, José. (coord.). *Nuevas Aportaciones a la Historia Jurídica de Iberoamérica*. Madrid: Fundación Historica Tavera, Madrid, 2000.
- LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LEBRUN, François. Os cirurgiões-barbeiros. In: LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Lisboa:Ed. Terramar, 1985.

- LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo., 1956, tomo I.
- _____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Portucália, 1938, v. 10.
- _____. *Novas páginas de história do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- LEMOS, Maximiano. *História da medicina em Portugal*. Doutrinas e instituições. Lisboa: Publicações D. Quixote/Ordem dos Médicos, 1991, 2 v.
- LIMA, Claudia. *Tachos e panelas*. Historiografia da alimentação brasileira. Recife: Ed. da Autora, 1999.
- LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *Marca de fogo: o medo dos quilombos e a construção da hegemonia escravista (Minas Gerais, 1699-1769)*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- LIMA, Tania Andrade; SENE, Glaucia Malerba; SOUZA, Marcos André Torres de. Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. *An. mus. paul.*, São Paulo, v. 24, n.1, p. 299-391, abr. 2016.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. *História do Abastecimento: uma problemática em questão (1530-1918)*. Brasília: Binagri, 1979.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LISBOA, João Luís. Papéis de larga circulação no século XVIII, *Revista de História das ideias*, v. 20, p. 131-147, 1999.
- LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, História e Literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.
- MACHADO, Roberto et. al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MAESTRI FILHO, Mário José. *O escravo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/ Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: EDUCS, 1984.
- MAGALHÃES, Beatriz Ricardina de. A demanda do trivial: vestuário, alimentação e habitação, *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 65, jul. 1997.
- MALHEIRO, Perdigão. *A Escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social*. Petrópolis/ Brasília: Vozes/ INL, 1976, 2 v.
- MARCONDES, Renato Leite; MOTTA, José Flávio. Duas fontes documentais para o estudo dos preços dos escravos no vale do Paraíba paulista. *Revista Brasileira de História*, v. 21, n. 42, p. 495-514, 2001.

- MARQUES, Vera Regina Beltrão. Instruir para fazer a ciência chegar ao povo no Setecentos. *Varia história*, n. 32, p. 37-47, 2004.
- MARQUESE, Rafael de Bivar. A administração do trabalho escravo nos manuais de fazendeiro do Brasil Império, 1830-1847. *Rev. hist.*, São Paulo, n. 137, dez. 1997. Disponível em <http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091997000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2012.
- _____. *Administração & Escravidão: ideias sobre a gestão da agricultura escravista brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Feitores do corpo, missionários da mente. Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1680*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- MASSIMI, Marina. Alimentos, palavras e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII. *Hist. Cienc. Saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 253-270, abr./jun. 2006.
- _____. A memória ventre da alma. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 667-679, Dec. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000400010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 31 março 2017.
- MATHIAS, Carlos L. K. *As múltiplas faces da escravidão: o espaço econômico do outro e sua elite pluriocupacional na formação da sociedade mineira setecentista, c. 1711-1756*. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2012.
- MATOS, Gregório de. *Poemas de Gregório de Matos, volume I*. Edição e estudo de João Adolfo Hansen e Marcello Moreira. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MATTOSO, K. de R. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Testamentos de escravos libertos na Bahia do século XIX*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1979.
- _____. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo/ Salvador: HUCITEC/ Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- MAURO, Frédéric. *Portugal, o Brasil e o Atlântico 1570-1670*. Lisboa: Estampa, 1997.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *A fronda dos mazombos – Nobres contra mascates, Pernambuco, 1666-1715*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 335.
- _____. *O nome e o sangue*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- MELLO, José Soares de. *Emboabas*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.
- MILLER, Joseph Calder. *Way of Death: merchant capitalism and the angolan slave trade 1730-1830*. Madison, WI: The University of Wisconsin Press, 1988.

- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MONTELEONE, Joana. Sobre reis, livros e cozinheiros: notas para uma pequena história dos tratados de cozinha em português. In: ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula Torres (orgs.). *Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XIX)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas do Brasil colonial*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.
- _____. *O bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Casa da Palavra, 2005.
- MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. *O Rio de Janeiro imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- MOTT, Luiz. Os Escravos Nos Anúncios de Jornal de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. v. 19, n.1, 1987, p. 133-147.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *A travessia da Calunga Grande*. Três séculos de imagens sobre o Negro no Brasil. (1637-1899), São Paulo: Edusp, 2000.
- MOURA, Denise A. Soares de. (org.). *Nas ondas do oceano*. O patrimônio histórico-documental das câmaras do Brasil-colônia no acervo do Conselho Ultramarino. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- MULVEY, Patricia Ann. *The black lay brotherhoods of colonial Brazil: a history*. 1976. Tese de Doutorado. City University of New York, 1976.
- NARO, Nancy; NEDER, Gizlene; SILVA, José Luiz Werneck da. *A polícia na Corte e no Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1981.
- NEVES, Guilherme Pereira das. Guardar mais silêncio do que falar: Azeredo Coutinho, Ribeiro dos Santos e a escravidão. In: CARDOSO, José Luís. *A economia política e os dilemas do império luso-brasileiro (1790-1822)*. Lisboa: Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001. p. 13-62.
- NÓBREGA, Manuel da. Cartas. In: LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. Lisboa: Tip. Atlântida, 1956-1958, tomo I.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 11, n. 4, supl. p. 735-761, dez. 2008.
- OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. *Retrouver Une Identité: Jeux Sociaux des Africains de Bahia (vers 1750 - vers 1890)*. 1992. Tese (Doutorado em História). Université de Sorbonne (Paris IV), Sorbonne, 1992.
- _____. Viver e morrer no meio dos seus: nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX. *Revista USP*, n. 28, p. 175-193, dez./fev. 1995-1996.

- PAES, Mariana Armond Dias. O tratamento jurídico dos escravos nas Ordenações Manuelinas e Filipinas. *ANAIS do V Congresso Brasileiro de História do Direito*. Curitiba: IBHD, 2013, p. 523-536.
- PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2001.
- PANTOJA, Selma. Dimensão Atlântica das Quitandeiras. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- PARÉS, Luis Nicolau. Cartas do Daomé: uma introdução. *Afro-Ásia*, 47, p. 295-395, 2013.
- _____. Ethnic Religious Modes of Identificaton among the Gbe-Speaking People in Eightheenth and Ninetheenth Century Brazil. In: SANSONE, Livio; SOUMONI, Elisé; BARRY, Boubacar (ed.). *Africa, Brazil and the construction of transatlantic Black identities*. Trenton: Africa World Press, 2008, p. 180.
- PÉRET, Benjamin. *La commune des Palmares. "Que fut le quilombo des Palmares?"*. Paris, Editions Syllepse, 1992.
- PERUGA, Mónica Bolufer. "Ciencia de la salud" y "Ciencia de las costumbres": higienismo y educación en el siglo XVIII, *Areas: Revista Internacional de Ciencias Sociales*, n. 20, 2000.
- PESSOA, Raimundo Agnelo Soares. O escravo negro nos primeiros escritos coloniais (1551-1627). *SÆCULUM Revista de História*, n. 13. João Pessoa. jul./dez. 2005.
- PORTO, Ângela. A atenção à saúde do escravo e as práticas de cura no século XIX no Brasil. In: LOZANO, Sonia; PRIEGO, Natalia. (eds.). *Paradigmas, culturas y saberes: la transmisión del conocimiento científico a Latinoamérica*. Madrid: Iberoamericana, 2007.
- RAMINELI, Ronaldo. História Urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 1997, p.185-202.
- RANGEL, Armênio de Souza. *Escravidão e riqueza. Formação da economia no município de Taubaté, 1765/1835*. 1990. 410 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Economia, Administração da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. RODRIGUES, Jaime. *O infame comércio. Proposta e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil. (1808-1850)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- RASPANTI, Márcia P. Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do império. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 186.

- REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. 2a ed. revisada e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____.; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- REIS, Liana Maria. Mulheres de ouro: as negras de tabuleiro nas Minas Gerais do século XVIII. *Revista do Departamento de História da UFMG*, n. 8, jan. 1989.
- REIS, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial do Estado/ FAPESP, 2000.
- RIBEIRO, Aileen. *Dress and Morality*. Oxford/New York: Berg, 2003.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. Nem nobre, nem mecânico: a trajetória social e um cirurgião na América portuguesa do século XVIII. *Almanack Braziliense*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, n. 2, p. 64-75, 2005.
- RIGAUD, Lucas. *Nova arte de cozinha ou O cozinheiro moderno*. Lisboa: Colares, 1999.
- ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências. Uma história da indumentária (Séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Senac, 2007.
- RODRIGUES, Domingos. *Arte de cozinha dividida em quatro partes [...]*. Lisboa: na Offic. da Viuva de Lino da Silva Godinho, 1821.
- RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos e tripulantes do tráfico negreiro (Angola – Rio de Janeiro, 1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.
- RUDY, Kathryn M.; BAERT, Barbara (ed.). *Weaving, veiling, and dressing. Textiles and their metaphor in the late Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2007.
- RUSSELL-WOOD, Anthony J. R. A sociedade portuguesa no ultramar. In: In: BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti (dirs.). *História da expansão portuguesa: O Brasil na balança do império (1697-1808)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998
- _____. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

- SALVATORE, Ricardo. Penitentiaries, Visions of Class, and Export Economies. In: _____; AGUIRRE, Carlos (orgs.). *The Birth of the Penitentiary in Latin America: Essays on Criminology, Prison Reform, and Social Control, 1830-1940*. Austin: University of Texas Press, 1996.
- SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. *Na encruzilhada do império: hierarquias sociais e conjunturas econômicas no Rio de Janeiro (c.1650-c.1750)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- SAMPAIO, Luís Teixeira de. *Para a história do tratado de Methuen*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: EDUSP/Hucitec, 1991, v. 1.
- SCHNEIDER, John T. *Dictionary of African borrowings in Brazilian Portuguese*. Hamburg: H. Buske, 1991, p. 11.
- SCHWARTZ, Stuart B. Mocambos, quilombos e palmares: a resistência escrava no Brasil colonial, *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 17, p. 17-61, número especial, 1987.
- _____. Repensando Palmares: resistência escrava na colônia. In: _____. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: Edusc, 2001.
- _____. O Brasil colonial, c. 1580-1750: as grandes lavouras e as periferias. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: América Latina Colonial*. São Paulo: Edusp, 2004.
- _____. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. The king's processions: municipal and royal authority and the hierarchies of power in colonial Salvador. In: BROCKEY, Liam M (org.). *Portuguese colonial cities in the early modern world*. Farnham: Ashgate, 2008.
- SELA, Eneida Maria Mercadante. *Desvendando Figurinhas: um olhar histórico para as aquarelas de Guillobel*. 2001. 145 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Trabalho) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- SERRÃO, José Vicente. O pensamento agrário setecentista (pré-“fisiocrático”): diagnósticos e soluções propostas. In: CARDOSO, José Luís (org.). *Contribuições para a história do pensamento económico de Portugal*. Lisboa: D. Quixote, 1998.
- SILVA, Alberto da Costa e. A escravidão nos anúncios de jornal. In: FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornal brasileiros do século XIX*. 4ª ed. São Paulo: Global, 2010.
- _____. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Ed. UFRJ, 2003.

SILVA, Flávio Marcus da. Roceiros, comissários e atravessadores. O abastecimento alimentar em Vila Rica na primeira metade do século XVIII. *Varia História*, n. 29, p. 98-114, jan. 2003.

_____. *Subsistência e poder: a política do abastecimento alimentar nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *A morfologia da escassez: crises de subsistência e política econômica no Brasil colônia (Salvador e Rio de Janeiro, 1680-1790)*. 1990. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, ICHF, PPGHIS, Niterói, 1990.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (org.). *História de São Paulo colonial*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____. A Intendência-Geral da Polícia: 1808-1821. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul./dez. 1986, p. 187-204.

_____. *Análise de estratificação social: o Rio de Janeiro de 1808 a 1821*. Boletim, n. 7, Nova série, Departamento de História, n. 6, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1975.

_____. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978;

_____. *A cultura Luso-Brasileira: da reforma da Universidade à independência do Brasil*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

_____. *Cultura letrada e cultura oral no Rio de Janeiro dos vice-reis*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

_____. *Ser nobre na colônia*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. *Vida privada e cotidiano no Brasil: na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Estampa, 1993.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. *Negro na rua: a nova face da escravidão*. São Paulo/Brasília: Hucitec/ CNPq, 1988.

SILVA, Valéria Piccoli Gabriel da. *Figurinhas de brancos e negros: Carlos Julião e o mundo colonial português*. 2010. 246 f. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVESTRE, João Paulo. O Vocabulário Português, e Latino: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau. In: *DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA - PATRIMÓNIO E RENOVAÇÃO*, Cursos da Arrábida, 20 a 2 de agosto de 2001, Arrábida, Portugal, 2001. Comunicação. Disponível em:

<http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/vocabulario_principais_caracteristicas.pdf>.
Acesso em: 27 mar. 2017.

- SOARES, Carlos Eugênio L. *A Capoeira Escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro*. 1808-1850. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- SOARES, Cecília Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX, *Afro-Ásia*, n. 17, 1996.
- SOARES, Luís Carlos. *O “povo de Cam” na capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Faperj - 7Letras, 2007.
- _____. Da necessidade do bordel higienizado: tentativas de controle da prostituição carioca no século XIX. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 143-168.
- _____. Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16, mar./ ago. 1988.
- SOARES, Mariza de C. *Identidade étnica, religiosidade e escravidão*. Os “pretos minas” no Rio de Janeiro (século XVIII). 1997. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.
- SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2000.
- SOLLER, Maria Angélica; MATTOS, Maria Izilda (orgs.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d’água, 2000.
- SOMARRIBA, Maria das Mercês O. *Medicina no escravismo colonial*. Belo Horizonte: Dept. de Sociologia da FAFICH/UFMG, 1984.
- SOUTOR MAIOR, Mario. *Dicionário folclórico da cachaça*. Salvador: Fundação Joaquim Nabuco, 2003.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: _____ (org.). *História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. I.
- _____. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- _____. Violência e práticas culturais no cotidiano de uma expedição contra quilombolas – Minas Gerais (1769). In: _____. *Norma e Conflito: aspectos da história de Minas no século XVIII*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- SOUZA, Marina Mello e. *Reis negros no Brasil escravista*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

- SUBSÍDIOS para o estudo da abolição: guia da Sala “A Imprensa Pernambucana e a Abolição”*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1983.
- SWEET, James H. *Recreating Africa: culture, kinship and religion in the African-Portuguese World, 1441-1770*. Chapel Hill/ London: Univ. of North Carolina, 2003.
- TENREIRO, Maria Manuela. Military encounters in the 18th century: Carlos Julião and racial representations in the Portuguese Empire. *Portuguese studies*, vol. 23, n.1, p. 7-35, 2007.
- THE FOREIGN slave trade, a brief account of its state, of the treaties which have been entered into of the laws enacted for its suppression*. Londres: John Hatchard and son, J. and A. Arch, Darton, Harvey and Darton, 1837.
- THORNTON, John K. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Tradução Marisa Rocha Morta. Rio de Janeiro: Editora Campus/ Elsevier, 2004.
- TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. *Os negros em Portugal: uma presença silenciosa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.
- TORRÃO, Maria Manuel Ferraz; TEIXEIRA, André. *Negócios de escravos de um florentino em Cabo Verde: descrições e reflexões sobre a sociedade e o tráfico em finais do século XVI*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ear/coloquio/comunicacoes/mmtorrao_ateixeira.pdf>. Acesso em: 23 out. 2016.
- VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e Escravidão: Os Letrados e a Sociedade Escravista no Brasil Colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *Trópico dos pecados. Moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.
- _____. “Deus contra Palmares: Representações senhoriais e idéias jesuíticas”. *Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil*. Orgs. João José Reis e Flávio dos Santos Gomes. São Paulo: Companhia das Letras 1996.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos, dos séculos XVII a XIX*. Salvador: Editora Corrupio, 1987.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo. Uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VILLALTA, Luiz Carlos. Vida Privada e Colonização: o lugar da língua, da instrução e dos livros. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das letras, 1997, v. I.

- _____. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e cultura. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das letras, 1997, v. I.
- _____. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- VIOTTI, Ana Carolina de C. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2016.
- _____. As proposições de Antonio de Saldanha da Gama para a melhoria do tráfico de escravos, “por questões humanitárias e econômicas”, Rio de Janeiro, 1810, *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1169-1189, out./ dez. 2016.
- VIOTTI DA COSTA, Emília. *Da Senzala à colônia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- VOYAGES. The Trans-Atlantic Slave Trade Database. Disponível em: <<http://www.slavevoyages.org/>>. Acesso em 21 jun. 2015.
- WEHLING, Arno. Administração portuguesa do Brasil de Pombal a D. João (1777-1808). In: TAPAJÓS, Vicente (Cord.). *História administrativa do Brasil*. Brasília: FUNCEP, 1986.
- _____. *Estado, História, Memória*. Varnhagen e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____.; WEHLING, Maria José C. de. *Formação do Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994.
- WISSENBACH, Maria Cristina C. Gomes Ferreira e os símplies da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário mineral*, v. I, p. 107-150.
- _____. Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-brasileiro. In: ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula Torres (orgs.). *Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XIX)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec/ EDUSP, 1990.

OBRAS DE REFERÊNCIA

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 – 1728. 8v.

Disponível em

<http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaDicionarios.asp#>, Acessos diversos entre 2012 e 2017.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Dicionário de Terminologia Arquivística*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 1996.

CATÁLOGO de fontes. História da saúde e das doenças na comarca de Vila Rica. (1700-1808). Disponível em: <<http://www.nec.ufop.br/catalogo/catalogo.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

CATÁLOGO de manuscritos relativos à escravidão. Arquivo Histórico do Museu Imperial. Petrópolis: Fund. Nac. Pró-Memória, Museu Imperial, 1990.

EQUIPAMENTOS, usos e costumes da Casa Brasileira. Marlene Milan Acayaba (coord. geral da coleção). São Paulo : Museu da Casa Brasileira, 2000-2001. 5v.

MOURA, Clovis. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.

SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. *Dicionário da escravidão*. Rio de Janeiro : Léo Christiano Editorial, 1997.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. t. II.

Disponível em <http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaDicionarios.asp#>, Acessos diversos entre 2012 e 2017.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (et. al.) *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.